

# O Malhete

Informativo Maçônico, Político e Cultural

Ano XIV - Edição nº 158 - Junho de 2022



# O Malhete

Informativo Maçônico, Político e Cultural

Ano XIV- Número 157 - Maio de 2022

**Editor:**

Ir.: Luiz Sérgio de Freitas Castro  
Tel.: (27) 9 9968-5641

**Jornalista Responsável**

Ir.: Danilo S. Salvadeo  
FENAF-ES 0535-JP

**Redação:**

Av. Henrique Gaburro, 100  
Ap. 105 - Torre 3  
Condomínio Vista da Lagoa  
CEP.: 29.905-070 - Linhares-ES

**E-mail:**

omalhete@gmail.com

**Colaboraram nesta edição:**

Adrian Choeur  
Cícero Caldas  
José Ronaldo Viega Alves  
Marco Antonio Peres  
Neil Atkins  
Rosmunda Cristiano  
Wayne Devlin

# Indice

REGULARIDADE E RECONHECIMENTO.....	04
O MITO SOLAR NA MAÇONARIA .....	08
CAPELA ROSSLYN .....	14
JAPÃO E MAÇONARIA .....	18
YHWH: SIGNIFICADO .....	22
VÔO ALTO .....	24
PÃO DA VIDA.....	26
MUNDO MAÇÔNICO .....	28
APLM RETOMA OS TRABALHOS PRESENCIAIS.....	30
UM MAÇOM CHAMADO CASTRO ALVES .....	32
ASOMBRA DO BODE EXPIATÓRIO.....	33
FATOS & FLASHES .....	34

## Capa desta edição

### PLACA DE RASTREAMENTO MAÇÔNICO MODERNO DE TERCEIRO GRAU. 2010

**O Malhete**



Este trabalho teve muitas vidas e agraciou muitos sites e capas de livros. Em seu contexto original, esta ilustração digital representa o processo de se tornar um *Mestre Maçom*. Como foi incluído no livro, *O Mestre Maçom*, parte do texto que acompanha a obra diz:

Aqui, neste quadro, o foco do ensinamento está na transformação que o buscador sofre em sua busca para se tornar um mestre e membro da fraternidade virtuosa. Nossa jornada sobre a escada e os degraus nos leva aos portões do templo, que termina em nossa morte alegórica – cuja culminação é o fraco vislumbre da centelha divina emitida por nosso criador. É nossa escolha reconhecer isso e completar nossa conexão com isso. E, como uma tradição de fé, os símbolos e alegorias são ensinados para criar um entendimento comum com aqueles que percorreram um caminho semelhante. A esperança de completar esse ciclo é o retorno à Regra de Ouro, naquele grande provérbio de “faça aos outros o que você faria a si mesmo”. A alegoria dos rufiões ilustra sua própria ignorância desse princípio.

Ilustração digital - Gregory B. Stewart



3 dorms.  
1 suíte | 2 vagas

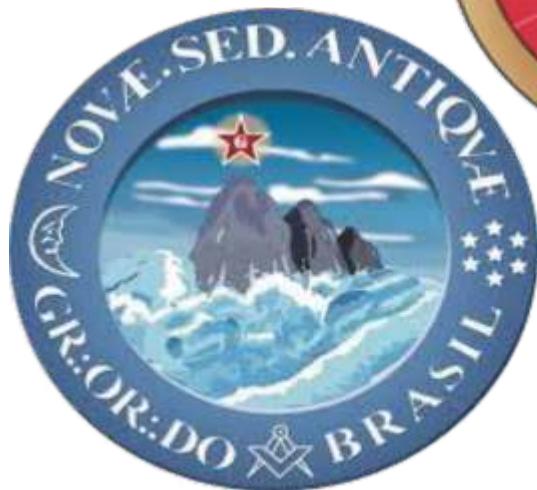


BREVE LANÇAMENTO ▷ UBATUBA

Av Prof Bernadino Querido, 603 - Itagua | Ubatuba  
(12) 9 9751-0325 / (12) 9 9650-5051 / (12) 3629-3055  
[www.construtorataubate.com.br](http://www.construtorataubate.com.br)

 CONSTRUTORA  
TAUBATÉ

 PORTO  
GAIA



# REGULARIDADE E RECONHECIMENTO

A importância da regularidade e do reconhecimento para uma Potência Maçônica

**PODCAST** Ouça a matéria clicando [aqui](#)

Todo maçom sabe da obrigação de preservarmos nossas Potências Maçônicas Regulares e Reconhecidas, não permitirmos que irregulares convivam no mesmo Território.

Tendo-se firmado em nível nacional e internacional como a Grande Loja-Mãe da Maçonaria Universal, a Grande Loja Unida da Inglaterra começou a exercer o papel de liderança mundial nas Lojas simbólicas. Começou também, com essa liderança, baixar normas, celebrando convênios e legislando para todos os ritos e obediências maçônicas - **anexo I**.

## 1. A Importância do Supremo Conselho do Brasil

- Lavradio para o Reconhecimento do GOB

O Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, hoje com endereço no Campo de São Cristóvão, nº 114 - São Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ, já havia conseguido sua REGULARIDADE e RECONHECIMENTO através do Tratado de Amizade com o Supremo A&AR, Inglês, em abril de 1867.

No inicio do século 19, começo de suas atividades, o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito e o GOB (atual Grande Oriente do Brasil) habitavam o mesmo prédio na Rua do

Lavradio, na época nº 83, ao Vale do Rio de Janeiro - RJ.

Apesar da convivência, havia uma situação difícil para ser resolvida, no mesmo prédio existia uma potência reconhecida e regular e outra, o GOB, que não tinha conseguido sua REGULARIDADE ou o RECONHECIMENTO. Essa situação era em virtude de que a Grande Loja Unida da Inglaterra não decidia pela suplica do GOB, tendo em vista a existência de duas potências maçônicas existindo no solo Brasileiro. Além do GOB havia o Grande Oriente ao Vale dos Beneditinos.

Veja a preocupação demonstrada, naquela época, em um trecho da carta - **anexo II** - emitida pelo nosso futuro 11º Soberano Grande Comendador.

*"Não eram-me estranhas as dificuldades que tinha que vencer para conseguir o objeto de minha missão: sabia do malogro de idênticas tentativas feitas por parte do pretenso 'Gr.: Or.: ao Vale dos Beneditinos'; e nem tanto pouco ignorava qual a prevenção, que, desde muito, se havia despertado no seio da Gr.: Loj.: Unida da Inglaterra contra toda a ideia de reconhecimento de qualquer dos dois OOr.: do Brazil pelo fato de dissidência, que separa em dois corpos a família maçônica em nosso país."*

A Importância do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, hoje no Campo de São Cristóvão, na época no Lavradio, para o reconhecimento do Grande Oriente do Brasil, bem como, com isso, ter trazido a harmonia em solo brasileiro da maçonaria, será evidenciado no relato abaixo.

O Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito já havia sido considerado RECONHECIDO em 1834. Tendo feito um tratado com o Supremo Inglês em abril de 1867.

Em 30 de julho de 1879 retornava da Europa o Visconde do Rio Branco, que havia nascido José Maria da Silva Paranhos (nasceu na cidade de Salvador, Bahia, a 16 de março de 1819, ainda durante o reinado de D. João VI. Era filho de Agostinho da Silva Paranhos e de Josefa Emerenciana Barreiro Paranhos. Faleceu no Rio de Janeiro a 1º de novembro de 1880).

Não confundir com seu filho José Maria da Silva Paranhos Júnior – O Barão do Rio Branco.

As ações do pai muitas vezes são esquecidas pelas, também, grandes realizações, do filho. Ele (pai) havia sido reeleito em 16 de março de 1875 como Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Tinha uma grande preocupação, já que desde 1872 as tratativas de fusão dos dois grandes orientes não se tornavam realidade – O Grande Oriente Unido.

Saldanha Marinho insistia em manter o Grande Oriente ao Vale dos Beneditinos, agora como o pretenso nome de Grande Oriente Unido, vendendo a ideia que a fusão havia sido consumada. Diante desse quadro o que faz o Soberano Grande Comendador José Maria da Silva Paranhos - possuía o cargo desde 1870.

Toma o supremo malhete em 06 de setembro de 1879, voltando o Marechal Francisco José Cardoso Júnior a condição de Lugar Tenente. De imediato o Soberano Grande Comendador José Maria da Silva Paranhos, que havia sido Cônsul-Geral em Liverpool (1876), nomeou o chefe de esquadra, Almirante Artur Silveira da Mota grau 33, membro efetivo do Supremo, como Delegado Especial, do Supremo e do Grande Oriente do Brasil, para tratar do reconhecimento pela Grande Loja Unida da Inglaterra. Para dar legalidade ao ato, essa nomeação foi confirmada pelo GOB, em sessão de 16 de outubro de 1879. O emissário embarca em missão do Governo Imperial a bordo da corveta “Vital d’Oliveira” que chega a Inglaterra no início de 1880.

Em 1880 o GOB já tinha quase 58 anos, estávamos a nove anos da República e havia ajudado a construir a independência do Brasil, mesmo assim o Grande Oriente do Brasil não tinha seu reconhecimento. O Supremo do Lavradio - hoje Campo de São Cristóvão, nº 114 - São Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ, já tinha 46 anos de reconhecimento internacional e aproximadamente 13



**Visconde do Rio Branco**

anos de Tratado de Amizade com os Ingleses, mesmo sendo mais novo que o GOB.

O Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito coexistia no mesmo prédio com o outro Corpo. Essa outra Entidade que dirigia os graus simbólicos – o Boletim da época é prova cabal – Boletim nº 7, ano 10, julho de 1881 – **anexo III – capa e página 206 – anexo IV**, onde se registrará o fato à frente neste artigo.

Diante disso o Soberano Grande Comendador e Grão-Mestre José Maria da Silva Paranhos usava de sua última cartada diplomática. Seus conhecimentos de relações exteriores eram bastante sólidos e tinha deixado confiança, determina que o Irmão Arthur Silveira da Motta investisse toda a sua força e trabalho para acabar, de uma vez por todas, com a dúvida reinante no País da Loja Mãe e, dessa forma, vai buscar a regularidade do GOB.

Temos que registrar que o Supremo tinha conseguido sua REGULARIDADE junto a outros Supremos, reunidos, em 1834, quando esteve presente, ainda como Lugar-Tenente, o nosso 2º Soberano Grande Comendador Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, isso no I Congresso Internacional de Supremos Conselhos. Naquele Congresso foi considerada verdadeira e válida a fundação do Supremo Conselho do Brasil, em 12 de Novembro de 1832. A autorização de sua fundação era originada por uma carta patente fornecida pelo

Supremo Conselho dos Países Baixos (Bélgica e agora novamente Países Baixos), em 1829, quando se encontrava exilado na Europa, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, que também foi ministro de relações exteriores do Brasil, nosso 1º Soberano Grande Comendador, para onde fora após a queda dos Andradas, em 1823, e que só retornou após a abdicação do Imperador Dom Pedro I, em 7 de Abril de 1831.

Como a Inglaterra já tinha o Supremo como REGULAR o então Almirante Arthur Silveira da Motta, se apresenta, representando o “Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito”, perante as Potências Maçônicas do mundo e este pede, através de carta datada de 10 de janeiro de 1880, a interseção de Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales Charles Edward, Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra pelo o GOB.

A referida carta foi então respondida pelo Grande Secretário da Grande Loja Unida da Inglaterra, Tenente Coronel Shadwell Clark, a 30 de janeiro de 1880, informando que o pedido havia sido aprovado pelo Grão-Mestre da Inglaterra.

Este foi o 1º. Reconhecimento Oficial Grande Loja Unida da Inglaterra ao futuro Grande Oriente do Brasil, não configurando ainda um Convênio ou Tratado, mas o reconhecimento, uma REGULARIDADE.

Em 1º de julho de 1881, com 18 membros efetivos, sob a presidência do Irmão Antonio Álvares Coruja – Decano Presente – o Supremo Conselho concede os títulos de Membros Honorários a Sua Alteza Real o Príncipe de Gales Charles Edward, Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra e ao Irmão Lord Skelmersdale, Earl of Lathom, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho d'Inglaterra. – vide página 206 do boletim 7 supracitado – **anexo IV**.

O Grão-Mestre eleito em 24 de junho e 04 de julho de 1881, João Alfredo Correa de Oliveira, para substituir o Visconde do Rio Branco, não tomou posse.

Foi então que sob o comando do Soberano Grande Comendador Almirante Arthur Silveira da Motta, nascido em São Paulo em 1843, que a Maçonaria Brasileira viu sua normalidade. Era Grão-Mestre adjunto, porém quem de fato governava o Grande Oriente do Brasil, até 05 de maio de 1882.

Essa normalidade chegou com o pedido de demissão de Saldanha Marinho em 30 de março de 1882. Cangado, doente via os fatos corroendo o seu “Grande Oriente Unido”. Isso ficou evidente quando em junho de 1882 o Supremo Conselho dos Estados Unidos – jurisdição Norte e Brasil emitem cartas de reconhecimento mutuo. Em 18 de dezembro de 1882 era considerado extinto o Grande Oriente Unido e a 18 de janeiro de 1883 se declara a existência de uma única Obediência simbólica, sob o título original de “Grande Oriente do



Brasil”.

Com essa REGULARIDADE e o surgimento, na jurisdição do Grande Oriente do Brasil, de um número considerável de Lojas do Rito de York, trabalhando no idioma inglês, foi assinado, a 21 de dezembro de 1912, durante o Grão-Mestrado de Lauro Sodré (Gen. Lauro Nina Sodré e Silva, que havia sido o 18º Soberano em 1904), um novo convênio com a Grande Loja Unida da Inglaterra (**anexo V**), que perdurou até a assinatura de um **Tratado de Reconhecimento Mútuo em 1935 (anexo VI)**. Este Tratado estabeleceria uma íntima e indissolúvel Aliança entre o **Grande Oriente do Brasil** e a **United Grand Lodge of England**. Quem assina pelo Grande Oriente do Brasil é o nosso 28º Soberano Grande Comendador, no cargo desde 1933. Ao Irmão (General) José Moreira Guimarães, eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil a 24 de junho de 1934, caberia assinar importante Tratado de Aliança Fraternal, com a Grande Loja Unida da Inglaterra no dia 26 de maio de 1935.

## 2. A separação dos Corpos

Em 15 de novembro de 1965, no 133º aniversário do “Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito” e 85 anos da REGULARIDADE do “Grande Oriente do Brasil”, os “Altos Corpos” assinam um “Tratado de Amizade e Aliança Maçônicas” onde renovam a amizade e aliança



existente por mais de um século. Esse tratado foi assinado pelo nosso 30º Soberano Grande Comendador (Dr.) José Marcello Moreira (1952-1972) e o Grão-Mestre Geral Álvaro Palmeira; nele continha à separação definitiva dos Corpos. Com isso o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito assume o compromisso de sair do Lavradio.

Esse tratado de 15 de novembro de 1965 também é assinado, pelo ainda, Grande Secretário Geral do Santo Império, o futuro 32º Soberano Grande Comendador, do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, o querido Irmão (Dr.) Ariovaldo Vulcano (1972-1988). Esse Irmão foi posteriormente homenageado pelo GOB - o museu central da sede de Brasília tem o seu nome.

O Grande Oriente do Brasil sempre procurou ter sua sede na Capital da Nação, iniciou suas atividades no Rio de Janeiro e depois mudou sua sede para Brasília – DF.

Registra-se que foi somente durante um pequeno período a Capital do País esteve em Brasília e o Grande Oriente do Brasil permaneceu na velha capital, na Rua do Lavradio.

### 3. A Unidade e a Desmistificação

Sempre os dois Altos Corpos (“Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito” e o “Grande Oriente do Brasil”) demonstraram suas vontades de manter uma íntima e indissolúvel aliança.

Essa vontade ficou bastante evidenciada mesmo quando ardilosamente, em 1927, o nosso 26º Soberano, isoladamente, levou o que seria a nossa

REGULARIDADE para outro Corpo. O Grande Oriente do Brasil que viveu os fatos, sendo testemunha ocular e reconhecendo o trabalho, ficou sempre ao lado do Corpo que trabalhou pela sua REGULARIDADE.

Rio Claro - SP, 14 de Maio de 2022.

2022 ano do bicentenário do GOB – Parabéns Grande Oriente do Brasil!

Marco Antonio Peres – Rio Claro - SP

Soberano Grande Inspetor Geral e membro da Augusta e Respeitável Grande Benfeitora Loja Simbólica Estrela do Rio Claro N° 496

Membro do Egrégio Tribunal de Contas do GOB - SP

#### Bibliografia:

1. Boletim do Supremo e do Grande Oriente nº 7, ano 10, julho de 1881
2. História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil - Kurt Prober
3. História do Grande Oriente do Brasil – José Castellani

#### ANEXOS

Como alguns dos documentos citados são pouco conhecidos, foram transcritos e anexados, no arquivo 2, com o objetivo de dar aos Irmãos uma visão de conjunto.

#### VEJA ANEXOS EM:

<https://bit.ly/3xcanrk-ANEXOS>



# O MITO SOLAR NA MAÇONARIA: RESQUÍCIOS DE ANTIGAS CULTURAS?

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

As lendas que acompanhavam os mistérios e cultos dos povos antigos giravam em torno da marcha aparente do Sol declinando para o ocaso, para expressar, em linguagem figurada, que ele era aparentemente vencido pelas trevas, representando na mesma alegoria o gênio do mal; mas reaparecia depois como o herói vencedor ressuscitado.” (Figueiredo, 2009, pág. 483)

Por José Ronaldo Viegas Alves

## COMENTÁRIOS INICIAIS

Quantas são as passagens com as quais nos deparamos em nossos Rituais maçônicos que aludem direta ou metaforicamente ao astro rei, o sol?

Certamente, um bom número delas. E se considerarmos a variedade de Ritos que compõem a Maçonaria, ficará ainda bem mais difícil quantificar isso. Assim que, seria muita pretensão querer explanar aqui nesta sucinta peça de arquitetura todos os aspectos que envolvem um tema desta magnitude. Então, falaremos quando muito de alguns tópicos no decorrer deste trabalho, desde já, aconselhando aos leitores que se interessarem em saber mais, que é imperioso reforçarem o seu aprendizado com mais leituras versando sobre o tema.

Deidades solares, culto solar, adoração ao sol, mito solar, todas estas expressões remetem ao passado da

humanidade, sendo que, a veneração do sol e o culto às deidades solares foram largamente praticadas durante o passado da humanidade.

Muitas das culturas que se destacaram no decorrer dessa história podem ser citadas quanto à prática dos cultos solares: babilônios, persas, hindus, egípcios, romanos, chegando até o nosso continente americano com as civilizações dos incas, dos maias e dos astecas.

A ideia de que a adoração ao sol possa ser a mais antiga das religiões humanas, já foi compartilhada por muitos estudiosos. De qualquer forma, o sol, por ter ocupado um lugar proeminente em muitas daquelas religiões antigas, em forma de idolatria, ainda guarda muitos resquícios desse seu simbolismo e dessa mitologia até mesmo em certas religiões conhecidas da atualidade.



Por outro lado, pelo menos duas daquelas culturas do mundo antigo parecem ter alguma preponderância quanto aos aspectos que envolvem simbolismo e se destacam, sobretudo, por suas prováveis influências na Maçonaria. Nossos rituais revelam que no exercício da ritualística, uma parte do simbolismo ali contido alude, por vezes, mesmo indiretamente, a alguns daqueles cultos, os quais foram praticados por antigos povos, dos quais, citamos como exemplos, os persas e os egípcios.

Um daqueles antigos cultos, o culto iniciático de Mítra, em algumas das suas práticas revela possuir algumas similaridades com a Maçonaria, mas, não é uma posição de consenso entre os estudiosos, essa sua influência, por isso, a razão de usar o termo “indiretamente” logo acima. Muitos dos cultos praticados na antiguidade desapareceram, outros evoluíram, ou até, ganharam novas roupagens.

Um pouco das origens sobre o mito solar e uma mostra dessa influência provinda dessas duas civilizações que foram citadas, será o leitmotiv do trabalho a ser desenvolvido na sequência.

## O SOL: AS REFERÊNCIAS NA BÍBLIA E A CONCEPÇÃO DOS HEBREUS

Conforme o teólogo R. N. Champlin, no Antigo Testamento, as referências ao sol chegam ao número de 120. No Novo testamento, a palavra para referir-se ao sol (do grego helios) é usada cerca de 33 vezes. (Champlin, 2008, pág. 260)

A título de ilustração, é muito importante deixarmos registrado que, ainda que estejamos falando da Bíblia em específico, principalmente do Antigo Testamento, isso por si só já remete à Bíblia hebraica, que é a matriz, digamos assim.

Por outro lado, o mais importante aqui neste contexto a ser registrado é que a adoração ao sol era proibida de forma rigorosa pela lei mosaica (Deut. 4.19). Os hebreus, no período posterior ao êxodo, acabaram entrando em contato com outros povos, seus contemporâneos e estes sim, eram adoradores do sol: no Egito havia o deus-sol Rá, o qual era adorado ou a deidade principal que constava no panteão dos egípcios. Na Babilônia havia o deus Utu (masculino), e os cananeus tinham a Sps, uma deusa, o que nos vem revelar que o sol podia ser transformado tanto em deidades masculinas como femininas. (Champlin, 2008, pág. 260-261).

Só que, a teologia dos sábios hebreus desprezou todas essas invenções criativas, e soube reduzir o astro sol a algo criado em vez de considerá-lo um deus das coisas.

## FÉ RELIGIOSA, MISTICISMO E CIÊNCIA

Ainda com base nos escritos de Champlin, e para que tenhamos uma ideia geral sobre o que representou o sol para as culturas antigas, esse desejo em conhecer mais e mais sobre o sol de parte dos antigos, acabou fomentando o desenvolvimento de algumas das ciências da antiguidade, então, chamamos a atenção para outros aspectos que valem ser descritos, ainda que, resumidamente, tudo em função da atenção que o sol mereceu pelo homem desde a antiguidade, pois, além de ser motivo de adoração, era alvo da curiosidade e de observações atentas do homem. Com o passar do tempo se criou toda uma mitologia e até os rudimentos de algumas ciências, tanto foram os conhecimentos científicos reunidos acerca desse astro. Em algumas das culturas mais avançadas daqueles tempos, fruto dessas mesmas observações e estudos contínuos acerca dos movimentos do sol, da lua e das estrelas, foram dados impulsos fundamentais para a elaboração de calendários, cada vez mais precisos em seus dados, o que envolveu também sofisticados cálculos matemáticos. Também, os conhecimentos adquiridos para a formação do que, a princípio, conhecemos como astrologia, a qual começou como uma mistura de misticismo e ciência, e acabou sendo a precursora da futura astronomia. Na verdade, nesse período da história do homem, havia uma mistura de misticismo, fé religiosa e ciência (esta última, ainda incipiente).

## COMENTÁRIOS:

Já que citamos o nome da astrologia, lembremos que as colunas zodiacais em número de doze que estão presentes em nosso templo maçônico, tem a importante função de representar a revolução anual que o sol cumpre em sua trajetória, assim como, seus ciclos produtivos correspondentes a cada uma das estações da natureza. Isso simbolicamente, vem representar a senda que o maçom cumprirá do ponto de vista iniciático e que pode ser comparada a essa trajetória que o sol cumpre.

## DAS INFLUÊNCIAS COM RAÍZES PERSAS

Deidades solares são deuses e deusas (entidades



divinas) que representam o sol ou um aspecto seu relacionado ao poder ou à força.

Com sua origem na Pérsia antiga (atual Irã) e depois fazendo parte também do culto de mistério romano, o deus Mitra era uma deidade solar.]

Zoroastro é a designação grega para Zaratustra, grande legislador persa fundador de uma das mais antigas religiões que ficou conhecida por várias outras denominações: Culto do Fogo, Magismo, Mazdeísmo, Zoroastrismo. A prática do bem e das virtudes era um dos preceitos do Zoroastrismo.

#### Conforme o Irmão Theobaldo Varoli Filho:

*“O crente deveria livre e conscientemente amar e servir a Ormuz e evitar ou expulsar as forças malignas de Angra-Main-Yu ou Ariman, o Inimigo, equivalente a Satã ou o diabo dos cristãos.”* (Varoli Filho, 1977, pág. 98)

E mais adiante, ainda se referindo aos cultuadores da religião:

*“... deviam nos seus cultos, ficar voltados para o Oriente ou ponto cardeal do nascimento do Sol. De certo modo, o Sol era o olho de Ormuz, o criador, construtor, vivificador. No zênite, isto é, ao meio-dia, o sol, irradiando o máximo de luz, reduzia as sombras e o homem, de pé, completamente iluminado não poderia fazer sombra a ninguém. (...) O trabalho místico acompanhava o Sol, cuja luz decaindo e aumentando as sombras para o lado do Oriente (cansaço humano), morria completamente à meia-noite, hora do máximo de trevas, mas ocasião que o astro-rei começava o seu renascimento ou a sua volta, razão pela qual os discípulos se despediam com um banquete frugal.”* (Varoli Filho, 1977, pág. 99)

#### COMENTÁRIOS:

Evidentemente haveria muito para discorrer sobre a

história e os princípios dessa que é uma das mais antigas religiões, mas, fugiríamos do nosso propósito aqui que é somente mostrar o quanto (e isso já fica explícito a partir do pequeno trecho extraído de uma das obras do Irmão Varoli) já é possível captar no tocante às influências e similaridades que chegaram até a Maçonaria.

O Zoroastrismo, religião sobre a qual falamos um pouco, não se conservou puro por muito tempo, vindo com o tempo a se misturar com outras religiões. Além dos novos cultos que surgiram como resultado dessas fusões, o culto de Mitra voltou com força. Sobre o deus Mitra veremos um pouco mais logo na sequência.

A doutrina, que a princípio dividira o mundo em uma força do bem (Ormuz) e as forças do mal (Ariman) sofreu modificações no seu pantheon, digamos assim, onde havia um deus único – Mazda, que era secundado por Mitra, deus do sol.

#### OS CULTOS MITRAICOS

O Mitraísmo era um culto de origem persa que acabou se difundindo bastante na antiguidade, tanto que chegou a ser adotado em vários continentes, além de ter exercido influências em outros cultos praticados pelos essênios, gregos, cristãos e muçulmanos, e bem depois na Maçonaria. Em Roma, particularmente, no primeiro século da era cristã, o culto acabou se espalhando rapidamente, dentro do exército romano e das classes mercantis e escravas, sendo que, uma quantidade substancial de templos foram construídos.

Mitra era uma das mais antigas divindades persas, e como já foi dito, o deus-sol. Do Vade-Mécum Maçônico, de autoria do Irmão João Ivo Girardi, retiramos a seguinte passagem do verbete MITRA:

*“Trata-se de uma divindade mediadora, colocada entre o bem e o mal, entre Ormuzd e Ahriman, dispensadora de benefícios, mantenedora da harmonia no mundo e protetora de todas as criaturas. Sem ser o sol, é invocada com este por ser sua representação. É a*

força imanente do Sol, e com tal concebida como a reguladora do tempo, a iluminadora do mundo e a agente da vida.” (Girardi, 2008, pág. 430)

## CULTO SOLAR MITRAICO E SOLSTÍCIOS

De um artigo de autoria de um dos nossos grandes pesquisadores, o Irmão Hercule Spoladore, transcrevemos a seguinte passagem:

“O culto solar mitraico é similar aos outros cultos solares, sendo no hemisfério norte a noite mais comprida do ano de 24 para 25 de dezembro no início do solstício de Inverno. Era celebrada nesta data a festa do *natalis invicti solis* (nascimento do Sol vitorioso). Este culto solar influenciou a Maçonaria, através do cristianismo, porém com outra roupagem.”

## COMENTÁRIOS:

Já no Egito antigo havia outras tantas deidades que estavam ligadas ao sol, sendo que, os cultos que mais se destacaram foram os de Amon Rá, Horus e Aton, em vista de que estavam associados diretamente aos faraós.

No presente trabalho, com relação às influências egípcias, iremos nos ater aquelas que são detectadas na Lenda de Hiram, lenda que é afeta ao Grau de Mestre na Loja Simbólica e que possui continuidade em mais detalhes por vários Graus da Loja de Perfeição (Graus Superiores). A bibliografia sobre a lenda de Hiram é bastante rica e facilmente encontrável, isso para aqueles Irmãos que estiverem interessados em pesquisar mais sobre o assunto.

## A LENDA EGÍPCIA QUE PRECEDE A LENDA DE HIRAM NA MAÇONARIA

Em seu artigo “A Herança Egípcia na Maçonaria” o Irmão José Castellani faz um resumo da história do Egito, onde em determinados períodos deixa evidente o quanto o culto solar acabou sendo marcante. Vejamos:

“A V dinastia assinala a decadência do Antigo Império, já que, nele, encontramos o início da teocracia, implantada pelos sacerdotes da cidade de Heliópolis – nome dado pelos gregos e que significa 'cidade do sol' – a seguidores fanáticos do deus Rá, que suplanta, politicamente, o deus Ftá, de Mênfis. (...) O fim do Médio Império é assinalado pela invasão dos hicsos, povo de origem semita o qual seria responsável pela ida dos hebreus ao Egito. Ao fim do domínio dos hicsos, que foram suplantados pelos faraós tebanos, inicia-se o Novo Império, cujos principais soberanos foram Tut-més III, Ramsés II e Amenófis IV. Este último, que reinou de 1370 a 1252 a.C., passou à História como o soberano que ousou quebrar o excessivo poder dos sacerdotes de Amon, tornando-se um místico do Sol, simbolizado por seu disco (Áton); mudou o seu nome



para Aquenáton ('horizonte do disco'), conhecida pelo nome de Tel-el-Amarna, tentando tornar universal a sua religião solar monoteísta.” (Castellani, págs. 16 e 17, 2003).

Já com relação à Lenda de Hiram, na transcrição da passagem abaixo em que ele fala sobre a Lenda de Osíris, retirada do mesmo livro, fica evidente alguns pontos em comum entre as duas.

“A Lenda de Osíris (o Sol) e de Ísis (a Lua) também deve ser considerada como a precursora da lenda do artífice Hiram Abi, ensinada no terceiro Grau Maçônico. De acordo com a lenda egípcia \_ em rápidas pinceladas \_ Osíris, morto por seu irmão Seti, teve o seu corpo encontrado por Ísis, que o escondeu. Seti ou Tifão, encontrando o corpo, esquartejou-o e o dividiu em quatorze pedaços, e foram espalhados pelo Egito. O corpo, todavia, foi reconstituído por Ísis e, redivivo, passou a reinar, tornando-se a deus e o juiz do reino dos mortos, enquanto seu filho Hórus lutava com Seti e o abatia. Essa lenda, inclusive, não é totalmente egípcia, pois, com pequenas variações, fazia parte do patrimônio mítico de todos os povos da Antiguidade, como um mito solar; na realidade, Osíris (o Sol), é morto por Seti (as trevas no 17º dia do mês egípcio, Hator, que marca o início do inverno, e revive no início do verão. (Castellani, pág. 21, 2003)

## COMENTÁRIOS:

Mas, uma coisa seria a afirmação de que a Lenda de Osíris deve ser considerada como uma precursora para a Lenda de Hiram, e outra coisa é construir uma versão essencialmente solar da Lenda onde Hiram o personagem passa a significar o próprio sol e onde tudo no decorrer da lenda “gira” em função da transição do sol pelos doze signos do zodíaco. A referência aqui é sobre

a versão bastante astrológica criada por Ragon, e que é discutível.

## OCIDENTE E ORIENTE: DO NASCER AO POR DO SOL

No intuito de ilustrar melhor este que é um sucinto trabalho e que já vai quase chegando ao seu término, transcrevo algumas das linhas que fazem parte de uma peça de arquitetura de autoria do Irmão José Lopes Pereira Filho, que vem para definir a importância do sol e da luz em contraposição às trevas, nada mais, nada menos do que aquilo que os povos antigos sintetizaram em seus cultos, e que sobram resquícios na Maçonaria:

*“O Ocidente é o lado ou aspecto do mundo onde o Sol se põe, onde a luz que o ilumina declina, se oculta e se torna invisível, embora faça entrever sua presença, no último clarão do ocaso, antes de deixar o mundo submerso nas sombras escuras da noite.*

*O Oriente, o lado oposto, o aspecto do mundo de onde nos vem, nasce emana Luz: onde na realidade, aparece e brilha pelo seu próprio resplendor, esclarecendo e fazendo desaparecer as trevas da noite.” (Pereira Filho, pág. 36, 1999)*

## COMENTÁRIOS FINAIS

Como pudemos perceber no decorrer deste trabalho, que é somente uma mostra mínima sobre a influência do mito solar nos rituais maçônicos, o assunto merece ser explorado bem mais, pois, é importante conhecermos, tanto a origem do simbolismo contido em nossos rituais, em nossas cerimônias maçônicas, como também, de onde provém, de que povos, de quais religiões ou cultos iniciáticos antigos a Maçonaria sofreu influências, ainda que, depois, tenham sido moldadas e adaptadas aos nossos Rituais e aos nossos costumes.

Os resquícios desses mitos e lendas, sejam egípcias, persas, babilônicas, hebraicas, ou até de outros povos se fazem presentes na Maçonaria e não haveria como negar essa que é a influência do mito solar e que repartiu muitos aspectos em comum entre algumas das mais conhecidas civilizações da antiguidade.

Simplesmente, abrir e fechar a Loja numa alusão ao curso que o sol descreve no firmamento, contemplar o sol em vários dos seus simbolismos espalhados pelo templo maçônico e no conteúdo dos nossos Rituais, nos remete constantemente a vários passados, povos antigos e suas práticas e a uma gama de influências que chegaram deles até a Maçonaria, algumas já quase se diluindo, outras bem nítidas.



## CONSULTAS BIBLIOGRÁFICAS:

### Internet

“Deidade Solar” – disponível em: [pt.wikipedia.org/dicionario.sensagent.com](http://pt.wikipedia.org/dicionario.sensagent.com)

“Influência dos Símbolos dos Povos Antigos na Maçonaria” – Hercule Spoladore – Loja de pesquisas Maçônicas Brasil – Londrina PR – disponível em: [1library.org/document](http://1library.org/document)

JB NEWS, nº 370 de 02 de julho de 2011: “Colunas Zodiacas” – autoria do Irmão Pedro Juk.

### Revistas:

ATROLHA, nº 155, setembro de 1999: “Desde o Ocidente ao Oriente” – Artigo do irmão José Lopes Pereira Filho.

### Livros:

CADERNOS DE PESQUISAS 20: “A Herança Egípcia na Maçonaria” – Artigo de autoria do Irmão José Castellani - Editora Maçônica “A Trolha” Ltda. – 1ª Edição – 2003

CHAMPLIN, R. N. “Encyclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia” – Hagnos Editora – 2008 – 9ª Edição

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. “Dicionário de Maçonaria” – Editora Pensamento - 2009

GIRARDI, João Ivo. “Do Meio-Dia à Meia-Noite Vade-Mécum Maçônico” –

ISMAIL, Kenryo. “Desmistificando a Maçonaria” – Universo dos Livros Editora Ltda. 2012

(\*) O autor, Irmão José Ronaldo Viega Alves, é membro da ARLS Saldanha Marinho, Oriente de Santana do Livramento- RS



Ótima  
barreira  
sanitária

QUALIDADE  
**3M**

# Tapete Sanitizante Pedilúvio

O Tapete Sanitário também conhecido como Tapete Sanitizante ou Pedilúvio, consiste em um Tapete Profissional onde se possa sanitizar e desinfetar os solados dos calçados em uma solução sanitizante para eliminação de eventuais vírus, bactérias ou agentes contaminantes.

**Vinil<sup>3M</sup>**  
TAPETES

#### TELEVENDAS:

Rio (21) 2471-7647 21 99916-2845  
Vitória (27) 3338-6688 27 99961-3018  
Bahia (73) 98816-6032  
 contato@viniltapetes.com.br

Solicite orçamento agora

**bonatti**  
contabilidade e consultoria

Sua empresa em boas mãos!

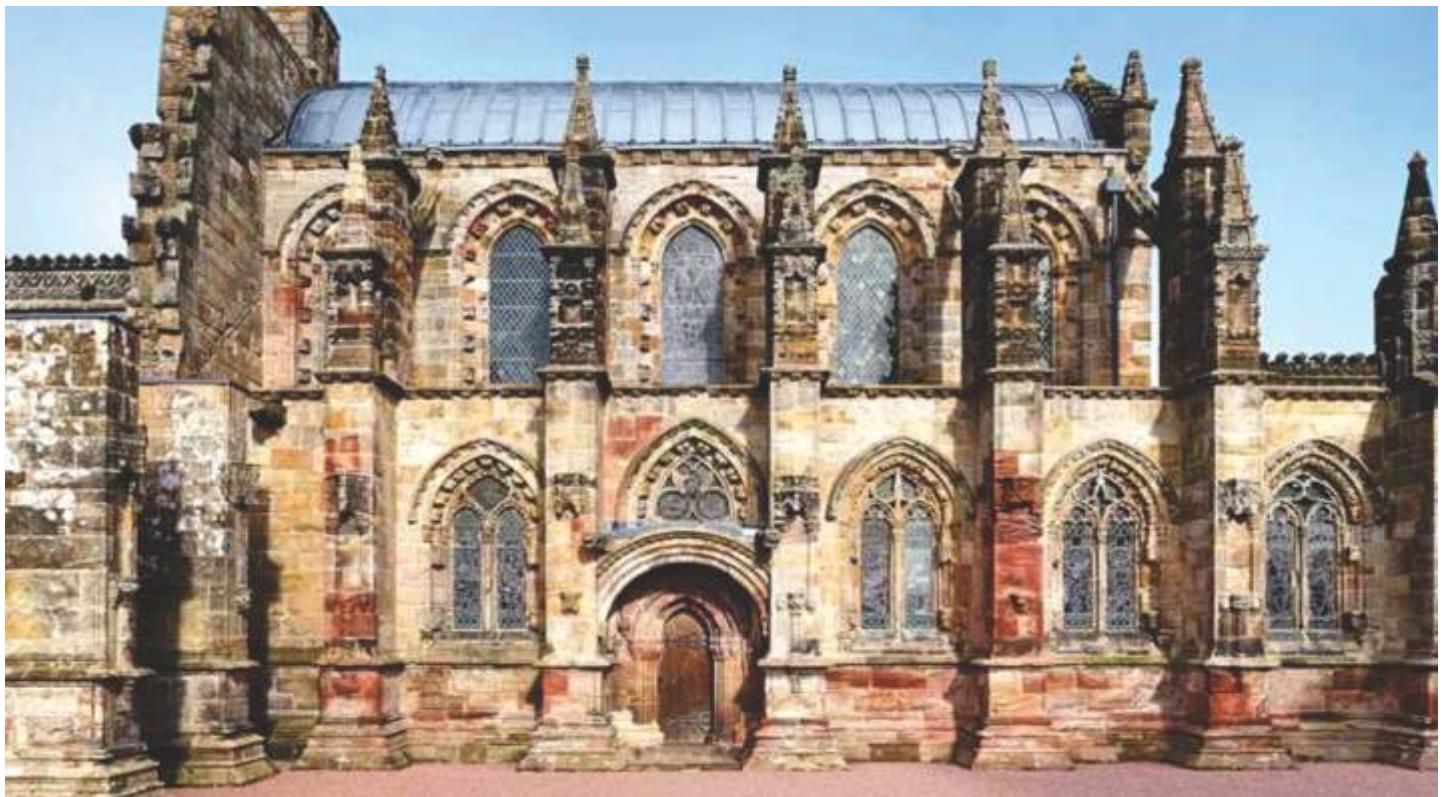


- Gestão Legal
- Gestão Fiscal
- Gestão de Recursos Humanos
- Gestão Contábil

(19) 3806 3015 (19) 3549 3015  
 contato@bonatticonsultoria.com.br  
 www.bonatticonsultoria.com.br

- Serviços de Consultoria
- Suporte a Profissionais Liberais
- Imposto de Renda de Pessoas Físicas
- Perícias Judiciais e Extrajudiciais

Avenida Brasilia, 577 - Nova Mogi  
Mogi Mirim SP - Cep:13800 280



# CAPELA ROSSLYN

O que conecta a Ovelha Dolly e a Capela Rosslyn? A resposta é a pequena vila escocesa de Roslin, a quase 13 quilômetros de Edimburgo, e o impacto que ambos causaram no nível de turismo de Roslin.

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

Por Neil Atkins

**R**oslin é frequentemente mencionada por pesquisadores que buscam as origens da Maçonaria devido às suas supostas ligações com os Cavaleiros Templários e a crença de que a Capela Rosslyn de quase 600 anos em Roslin é o repositório do Santo Graal.

Em fevereiro de 1997, foi anunciado que o Instituto

Roslin, situado em Roslin na época, havia clonado com sucesso em 1996 uma ovelha fêmea de uma célula retirada da glândula mamária de uma ovelha doadora. Originalmente chamado de '6LL3', o nome da ovelha foi logo alterado para 'Dolly' em homenagem à cantora Dolly Parton.

A ovelha Dolly permaneceu no Instituto Roslin até ser sacrificada em 14 de fevereiro de 2003, depois de sofrer uma doença incurável.

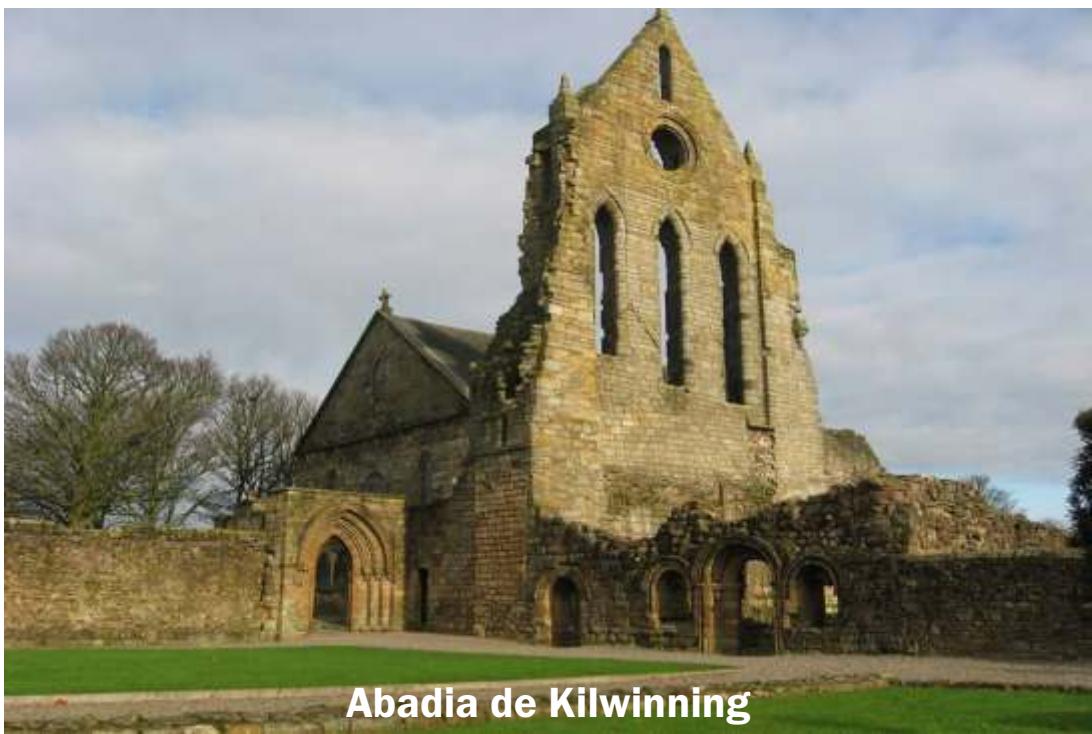
Mas mais publicidade estava no horizonte para Roslin e especificamente para a Capela Rosslyn. No ano em que a ovelha Dolly morreu, o romance de mistério de Dan Brown, *O Código Da Vinci*, foi publicado, que se baseava fortemente nos mistérios que cercavam a Capela Rosslyn e suas possíveis ligações com os Cavaleiros Templários, o Santo Graal e a Maçonaria.

Embora essas ligações tenham sido postuladas por pesquisadores por décadas, o livro de Dan Brown e o filme lançado posteriormente em 2006 popularizaram Roslin e Rosslyn Chapel.

Pesquisadores e historiadores desenvolveram vári-



Os restos preservados da ovelha Dolly - a segunda reivindicação de Roslin à fama.



## Abadia de Kilwinning

as explicações para os mistérios que cercam a Capela Rosslyn que vão desde o complexo, por exemplo, como o motivo delineado em Rosslyn, Guardião dos Segredos do Santo Graal por Tim Wallace-Murphy e Marilyn Hopkins, até o exaustivo nas publicações de Christopher Knight e Robert Lomas à ficção baseada em fatos como O Código Da Vinci.

Mas talvez a explicação mais aceita comece com os Cavaleiros Templários. Depois de quase dois séculos sendo uma ordem militar funcionando sob o patrocínio do Papa, os Templários retornaram à França ao seu local de origem. Rapidamente entraram em conflito com o rei da França, Filipe, o Belo, Filipe IV, que, por dificuldades financeiras, ficou de olho na riqueza acumulada pelos Templários. Isso supostamente incluía o Santo Graal recuperado pelos Templários durante as escavações do Templo de Herodes em Jerusalém. Filipe foi rejeitado pelos Templários na tentativa de negociar o acesso a seus tesouros e uma campanha de sussurros começou a questionar sua lealdade à Igreja e a natureza de suas cerimônias secretas. À medida que esta campanha ganhava força, Filipe pressionou o Papa Clemente V, domiciliado em Avignon e o primeiro dos papas de Avignon, a retirar o patrocínio papal dos Templários. Isso foi feito e na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, os Templários foram presos na França, incluindo o Grão-Mestre dos Templários, Jacques de Molay. Em 27 de novembro de 1307, o Papa Clemente V pediu aos monarcas cristãos que prendessem todos os Templários e confiscassem seus bens.

Diz a lenda que os Templários foram avisados e seus tesouros, incluindo o Santo Graal, foram carregados em navios da Frota Templária que navegaram de

La Rochelle para um destino desconhecido. Filipe, ao acessar o tesouro dos Templários, ficou desapontado com os escassos tesouros que encontrou.

Os pesquisadores geralmente concordam que o destino da frota era a Escócia. Por quê? Porque Robert the Bruce, rei da Escócia de 1306 a 1329, havia sido excomungado pelo papa em fevereiro de 1306, pouco antes de ascender ao trono escocês em março do mesmo ano. Isso acrescentou peso à crença de que a Escócia era o destino escolhido porque na Escócia os Templários e seu tesouro estariam fora do alcance do Papa e da Igreja.

A história de intriga continua em que acredita-se que a Igreja de Rosslyn tenha se tornado o repositório dos Tesouros dos Templários, incluindo o Santo Graal. Mas a Frota Templária em 1307 teria chegado à Escócia muito antes de a Capela Rosslyn ser encomendada por Sir William St Clair, que se acredita ser um Cavaleiro Templário. A pedra fundamental foi lançada em 21 de setembro de 1446 e a construção não foi concluída até o início do século XVI. Onde o Tesouro Templário foi armazenado por mais de um século até que a Capela fosse concluída, se fosse o local de descanso final dos tesouros dos Templários?

Acredita-se que os tesouros dos Templários foram guardados pela primeira vez na Abadia de Kilwinning, lar dos monges beneditinos em North Ayrshire, antes de serem levados para a Capela Rosslyn.

A Abadia de Kilwinning, construída em meados do século XII, era conhecida pelos Templários que foram influenciados pela Regra de Bento e existia quando os Templários fugiram da França. Este ponto de vista é apoiado por John Robinson em seu livro *Born in Blood: The Lost Secrets of Freemasonry*. O site da Grande Loja da Escócia [www.grandlodgescotland.com](http://www.grandlodgescotland.com) publicou um artigo do *Irvine Herald* afirmando em uma entrevista com um historiador local, Jamie Morton, que a Abadia de Kilwinning era de fato inicialmente o repositório da riqueza dos Templários.

Um salto de fé é necessário para acreditar que o tesouro foi removido para Rosslyn pela família St Clair e escondido nos cofres da Igreja Rosslyn. Mas é possível. A Abadia de Kilwinning estava em declínio desde o final do século XV, foi saqueada em 1513 e

finalmente sucumbiu à Reforma Protestante em 1560.

Se os monges beneditinos achavam que os tesouros não estavam seguros em Kilwinning, poderiam ter concordado em transferi-los para a nova Capela Rosslyn.

Se este for o caso, foi aqui que os Cavaleiros Templários e a Maçonaria entraram em contato?

A loja mais antiga da Europa é reconhecida como Mother Kilwinning Lodge Number 0. sendo formada na época da construção da Abadia de Kilwinning. Provavelmente era, na época, uma loja tendo apenas maçons operativos como membros. A presença dos Templários no exílio e a loja que se reunia nas proximidades da Abadia teria colocado os dois grupos em contato.

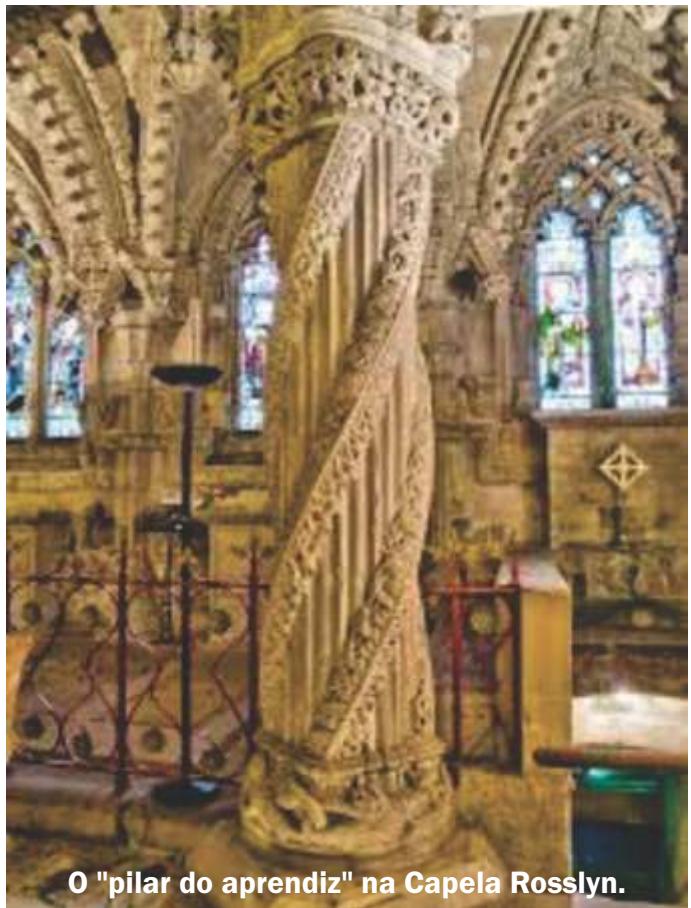
Naquela época, os maçons podiam ser categorizados em duas classes: maçons operativos que estavam restritos a certas áreas e exigiam permissão de seus senhores para viajar para outros lugares, e maçons livres operativos, que não tinham restrições de viagem, mas precisavam desenvolver sinais e conhecimentos peculiares à sua profissão, status para que suas habilidades pudessem ser reconhecidas onde quer que viajassem. No final do século 16, foi sugerido que os maçons especulativos estavam sendo aceitos em lojas que anteriormente continham apenas maçons operativos. Em 1736, trinta e três lojas se reuniram para formar a Grande Loja da Escócia.

Como a Capela Rosslyn levou mais de 60 anos para ser concluída, não é além da imaginação que maçons de diferentes origens e habilidades estiveram envolvidos em sua construção, devido aos diferentes estilos de esculturas na Capela.

O Chapel Trust, que administra a Capela de propriedade privada, adota uma atitude relaxada em relação às diferentes e contraditórias teorias da influência dos Templários e da Maçonaria nas origens da Capela e se Rosslyn é o repositório do Santo Graal. Na verdade, o Trust incentivaativamente mais pesquisas e em seu site [www.rosslynchapel.com](http://www.rosslynchapel.com) faz a seguinte declaração: 'Uma infinidade de livros e panfletos auto publicados alegavam ter as respostas, mas o Rosslyn Chapel Trust não tinha os recursos para testar as várias teorias e suposições. Por isso, oferecemos uma seleção de livros à venda em nossa loja de presentes e deixamos que você decida!'

Inicialmente um museu de maçons fazia parte da exposição na capela, mas que foi fechada. As principais reformas da capela ocorreram nos últimos anos e um centro de visitantes expandido foi adicionado com uma loja que vende memorabilia maçônica e templária.

As esculturas da Igreja são magníficas. No extremo



O "pilar do aprendiz" na Capela Rosslyn.

este estão três pilares que se acredita estarem de acordo com os três graus da Maçonaria. Provavelmente o mais conhecido é o Pilar do Aprendiz e a lenda que o cerca é familiar a todos os maçons. Em outros lugares, as esculturas de diferentes origens levaram alguns pesquisadores a acreditar que contêm pistas para mistérios ocultos. Há também uma crença de que algumas das esculturas provam que os Templários descobriram a América do Norte antes de Colombo.

Mas seja qual for o mistério, vale a pena visitar a Capela Rosslyn. Desde a publicação do Código Da Vinci, o interesse pela Capela aumentou com uma influência significativa no turismo escocês. A BBC Scotland News informou em 2016 que 34.000 pessoas em 2001 visitaram a Capela Rosslyn. Em 2006, ano do lançamento do filme, o número subiu para 176.000 e permaneceu estável em cerca de 150.000 por ano desde então. A Capela continua sendo uma das principais atrações turísticas da Escócia.

E a ovelha Dolly? Natural de Roslin e uma atração turística, ela está preservada em exibição, como peça central, na seção de Ciência e Tecnologia do Museu Nacional da Escócia, em Edimburgo.

**Fonte: Freemason Magazine NSW & ACT**

# Agende em sua Loja a Palestra A Maçonaria que dá Prazer



**Palestrante:**  
**Ir.: Kheytte Vasconcelos Gomes**

**Agende:**

**(27) 99982-6854**  
Ir.: Conde

**(27) 99981-8898**  
Ir.: Marcelo

[Saiba mais](#)



## RIBEIRO DA COSTA

ADVOCACIA E ASSESSORIA JURÍDICA

**PROBLEMAS EM LICITAÇÕES PÚBLICAS?  
PRETENDE EMPREENDER NA EUROPA?**

Somos um escritório de advocacia que atua em todo o Brasil e no exterior, com escritório no Porto - Portugal. Contamos com escritórios correspondentes em todos os Estados da Federação e também na Europa.

### NO BRASIL

Impugnação de Editais de licitações;  
Recursos Administrativos em licitações;  
Mandado de Segurança em licitações;  
Denúncia/Representação junto aos Tribunais de Contas;  
Direito Cível e Trabalhista.

### NA EUROPA

Abertura de empresas em Portugal e em toda a Europa;  
Abertura de contas bancárias;  
Processos de nacionalidade portuguesa;  
Assessoria na emissão de documentos portugueses.

### Escritório em Portugal

**Dr. Geraldo Ribeiro**

OAB/ES 14593

Porto - Portugal

Contato: +351 963798888



A sala principal do edifício maçônico de Tóquio

# JAPÃO E MAÇONARIA

De uma nação de quase reclusão à universalidade da Maçonaria

**PODCAST** Ouça a matéria clicando [aqui](#)

**E**mbora originalmente colonizada por caçadores-coletores paleolíticos, possivelmente de 35.000 a 50.000 anos atrás, como uma nação insular, a civilização única do Japão se desenvolveu em isolamento virtual do resto do mundo, influenciada apenas por sua proximidade com a Ásia, particularmente a China e a Coréia.

Os comerciantes portugueses foram os primeiros ocidentais a chegar em 1543, desembarcando na pequena ilha de Tanegashima, no sul do Japão. Comerciantes de outras nações logo seguiram e o governante Shogunate - a ditadura militar hereditária tecnicamente responsável perante o imperador, mas na realidade a verdadeira sede do poder - tornou-se cada vez mais preocupado com a crescente influê-

cia estrangeira sobre o povo japonês, temendo que sua religião e cultura fossem contaminadas e perdidas para sempre.

Em resposta, o Japão isolou-se em grande parte do mundo desde a década de 1630 até 1853. Durante esse longo período, apenas chineses não cristãos e holandeses protestantes foram autorizados a negociar com o Japão. Entre os últimos estava um holandês chamado Isaac Titsingh da Companhia Holandesa das Índias Orientais, iniciado em Batâvia em 1772 e que se acredita ser o primeiro maçom a visitar o país. Titsingh visitou o Japão três vezes entre 1779 e 1784 e chefiou o posto comercial holandês estabelecido em Nagasaki. No entanto, estes foram tempos difíceis com assédio contínuo e agressões a estrangeiros pelas classes samurais dominantes durante a primeira metade do século XIX.

Em 1853, com o Japão ainda mantendo uma política de isolamento do resto do mundo, o Comodoro Matthew Calbraith Perry da Marinha dos Estados Unidos com um esquadrão de nove navios de guerra (os Navios Negros) foi enviado ao Japão pelo então Presidente Fillmore para solicitar à força a reabertura dos portos japoneses ao comércio americano. Isso acabou resultando na assinatura do Tratado de Kanagawa em 31 de março de 1854, abrindo o Japão a uma comunicação limitada com os Estados Unidos. Tratados semelhantes foram promulgados durante os meses seguintes com a Grã-Bretanha, Holanda e Rússia.

Em 1863, o governo japonês concordou em ter tropas francesas e britânicas estacionadas em Yokohama e foi pouco depois que a Loja Esfinge Nº 263 foi introduzida em Yokohama em 1864 (operando sob a Grande Loja da Irlanda) chegando com um destacamento do 20º Regimento de Infantaria (Fuzileiros Lancashire). A loja tinha uma adesão total de cerca de 20 homens, incluindo alguns residentes estrangeiros locais, e operou até março de 1866, quando as forças dos EUA foram retiradas.

Os irmãos que moravam em Yokohama sentiram a necessidade de formar uma loja própria e solicitaram à Grande Loja da Inglaterra uma carta devidamente assinada pelo Conde de Zetland, Grão-Mestre da Inglaterra, e recebida em 26 de junho de 1866. A nova loja, Yokohama Lodge Nº 1092 E.C. se reuniu pela primeira vez em 1867 na casa do Sr. J.R. Black, editor e proprietário da Japan Gazette. Permaneceu ativo por muitos anos, entrando na escuridão antes da Segunda Guerra Mundial e não foi reativado. Sua bandeira maçônica está pendurada na parede do Templo Maçônico em Yokohama.

Várias outras lojas antigas foram estabelecidas sob um "acordo de cavalheiros" de que o governo não interferiria na associação da fraternidade, desde que isso fosse limitado a estrangeiros e que as reuniões fossem realizadas sem ostentação. Muitos membros dessas primeiras lojas contribuíram significativamente para a modernização do Japão, incluindo o irmão A. Kirby que construiu o primeiro navio de guerra encouraçado japonês. Apenas três dessas lojas permanecem trabalhando sob suas Cartas; dois sob a Grande Loja da Escócia e um sob a Grande Loja Unida da Inglaterra:

Loja Hiogo & Osaka Nº 498 S.C., fundado em 7 de fevereiro de 1970, reúne-se em Kobe

Loja Star in the East Nº 640 S.C., fundado em 1 de maio de 1879, reúne-se em Yokohama



Xilogravura japonesa do Comodoro Matthew Perry, 1854.

Rising Sun Lodge Nº 1401 E.C., fundado em 1872, reúne-se em Kobe

No início de 1913, alguns maçons importantes de língua inglesa em Kobe tiveram a ideia de estabelecer uma loja restrita a homens de nascimento ou ascendência britânica; uma loja que dedicaria uma parte de seu tempo à instrução e pesquisa maçônica, com a iniciação dos candidatos como preocupação secundária. Esta loja, Albion in the East Nº 3729 E.C. foi formalmente constituída e consagrada em 13 de junho de 1914.

Todas as lojas em Yokohama eventualmente realizaram suas reuniões no Nº 61 Yamashita-cho de dois andares, chamado Salão Maçônico, que foi construído aproximadamente em 1890. Isso teve um fim abrupto e trágico às 11h58 de 1º de setembro de 1923, quando o terremoto de Tokyo-Yokohama chocou. Também conhecido como o Grande Terremoto de Kanto, foi considerado na época o pior desastre natural a atingir o Japão. Com uma magnitude de 7,9, seguido de perto por um tsunami de 40 pés de altura e incêndios devastadores que correram pelos edifícios em grande parte de madeira, cerca de 140.000 pessoas perderam a vida, mais de 2 milhões de pessoas ficaram desabrigadas e as cidades de Yokohama e Tóquio foram praticamente destruídas..

Com devastação total e caos em todos os aspectos da economia e da sociedade, a recuperação após o

terremoto foi lenta. A primeira reunião maçônica realizada em Yokohama após o terremoto foi a Lodge Star in the East reunindo-se nas ruínas dos escritórios da American Trading Company. De acordo com W Bro Michael Apcar: 'Velhos caixotes e caixas eram usados para as cadeiras principais, e a iluminação era por velas, a atmosfera compartilhada por aqueles irmãos presentes demonstrava o verdadeiro caráter dos pedreiros, pobres e sem dinheiro, mas ricos em Amor Fraternal, Alívio e Verdade.'

Após o terremoto, um movimento começou a construir uma casa maçônica permanente em Yokohama e, com a ajuda de fundos doados pela Grande Loja Unida da Inglaterra, um novo Templo Maçônico foi construído no nº 3 Yamate-cho no Bluff, dedicado em 12 fevereiro de 1927.

Durante a década de 1930, a situação dos maçons no Japão tornou-se muito difícil quando o governo começou a reprimir a Fraternidade, especialmente após a eclosão da guerra com a China em 1937 e muitos irmãos foram presos. Todas as lojas tiveram que deixar de operar no início da década de 1940. Quando a guerra foi declarada em 8 de dezembro de 1941 (no dia seguinte ao ataque surpresa a Pearl Harbor), o governo japonês confiscou o edifício do Templo Maçônico junto com todos os móveis, insígnias, jóias, livros etc. Anos difíceis e perigosos para os pedreiros.

Após a guerra, Lodge Star in the East foi reativado em 9 de abril de 1946 por membros do pré-guerra com a ajuda de irmãos maçônicos das Forças de Ocupação Americanas. O Ir. General Douglas MacArthur e o Ir. Tenente General Robert L. Eichelberger foram feitos membros honorários. Em janeiro de 1947, o irmão H.C.H. Robertson foi eleito membro honorário com todos os três líderes das Forças Aliadas de Ocupação agora sendo membros da Loja Star no Oriente.

Durante o período inicial da ocupação, muitos clubes maçônicos foram formados e a Grande Loja das Filipinas assumiu um papel ativo na promoção da Maçonaria no Japão com lojas instituídas sob essa Grande Loja. Pela primeira vez, a Maçonaria foi disponibilizada aos cidadãos japoneses com o ritual logo traduzido para o idioma japonês. Foram adquiridos terrenos e um edifício em Tóquio que se tornou o precursor do novo Centro Maçônico de Tóquio.

As várias lojas e órgãos anexos desfrutaram de considerável crescimento e prosperidade durante este período e, na Comunicação Anual da MW Gran-



**A pedra de um metro cúbico que marca a entrada do prédio da Maçonaria de Tóquio**

de Loja das Filipinas em 1954, foi lida uma petição que afirmava que todas as lojas no Japão sob a jurisdição filipina desejavam formar uma Grande Loja Distrital. Este pedido foi concedido e Irmão W.J. Eichorn foi nomeado o primeiro Grão-Mestre Distrital para o Japão para as lojas no Japão sob a Grande Loja das Filipinas.

Em 16 de janeiro de 1957, a Loja Moriahama nº 134 aprovou uma resolução pedindo uma convenção para considerar a formação de uma Grande Loja do Japão. Isto foi seguido em 26 de janeiro por uma reunião da Grande Loja Distrital, as convenções foram realizadas em 16 de fevereiro e 16 de março, o que resultou em quinze das dezesseis lojas envolvidas no apoio à formação da Grande Loja do Japão. Uma delegação participou da Comunicação Anual da Grande Loja das Filipinas em abril de 1957, todas as formalidades apropriadas foram devidamente promulgadas e a Grande Loja do Japão foi instituída em 1º de maio de 1957.

Desde aquela época, o número de lojas constituintes sob a Grande Loja do Japão aumentou para vinte e, em 1972, havia 4.765 membros nas listas. Nos anos mais recentes, a Maçonaria no Japão enfrentou o desafio mundial de diminuir o número de membros e consolidação das lojas. No entanto, pessoas influentes na comunidade japonesa tornaram-se membros da Fraternidade, fortalecendo a base firme que a Maçonaria agora mantém no Japão.

A Maçonaria Japonesa está agora, e continuará no futuro, a desempenhar um papel valioso no fortalecimento dos laços de amizade e amor fraterno, não apenas dentro do país, mas em todo o mundo.



# Rádio Acácia



Flashback - Adulto - Clássicos Hits

**Clique aqui e confira!**

AGORA COM 15 MESES DE GARANTIA

CARIACICA: 3336-5636 / SERRA: 3328-4770



Baterias  
**SUPER LIGHT**

Há 30 anos trabalhando com as melhores marcas





# YHWH: SIGNIFICADO

(o verdadeiro nome de Deus?)

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

**YHWH: significado do tetragrama divino. Como interpretar o nome inefável? Simbolismo e significado oculto na Cabala e na Maçonaria. Adrian Choeur**

**YHWH** é o nome próprio de Deus no judaísmo: é uma palavra que pode ser escrita, mas que não deve ser pronunciada de acordo com o terceiro mandamento divino:

*Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; pois o Senhor não deixará impune aquele que tomar o seu nome em vão.* **Êxodo 20.7**

Pronunciar o nome YHWH constituiria, portanto, blasfêmia e pecado de vaidade; note que apenas o Sumo Sacerdote tinha o direito de pronunciar este nome no **Santo dos Santos** do Templo de **Salomão**, uma vez por ano no Yom Kippur. Esta tradição desapareceu, e na ausência de uma vogal no alfabeto hebraico, a pronúncia exata do tetragrama é desconhecida. Por todas essas razões, os judeus substituem o nome de Deus pelas expressões **Adonai** ("o Senhor"), **Hashem** ("o santo nome") ou **Elohim** ("Deus"). Os cristãos, por outro lado, transcrevem e pronunciam Yahweh, Yahvé ou Jeová. A Igreja Católica, no entanto, prefere usar a expressão "o Senhor".

**Nota:** Em sua forma latina, o tetragrama divino é escrito **JHVH**, que pode ser pronunciado "Jeová".

YHWH poderia ser derivado da raiz semítica *hwy* ou *hyh* que significa "ser", "tornar-se" ou "revelar-se", que pode fazer pensar no **sopro** da criação.

Essa capacidade de "ser" (que somente Deus possui) é encontrada na seguinte passagem de **Êxodo** (a Sarça

Ardente):

*Moisés disse a Deus: Irei, pois, aos filhos de Israel e lhes direi: O Deus de vossos pais me enviou a vós. Mas, se me perguntarem qual é o nome dele, o que vou responder? Deus disse a Moisés: Eu sou quem sou. E acrescentou: Assim respondereis aos filhos de Israel: Aquele que se chama "Eu sou" me enviou a vocês.*

**Êxodo 3, 13-14**

*Vamos tentar abordar o significado do tetragrama divino YHWH.*

## YHWH: significado do tetragrama divino.

Na Cabala, a corrente mística do judaísmo, **Ein Sof** (literalmente "sem limite") é Deus antes de qualquer manifestação; é infinito, incognoscível, oculto, inefável, sem nome, sem atributos, sem forma.

Para permitir a criação do mundo, Ein Sof se retira para que algo diferente dele possa existir. Essa retirada ou "vazio" é chamada de **Tzimtzum**. Assim, a luz de Deus desaparece para dar lugar a um reflexo luminoso que constitui a memória da luz primordial: aqui está **Yod** que aparece, a primeira letra do tetragrama divino.

Yod cria a escrita e a fala; veremos que esta carta contém em si o germe de toda manifestação.

**As letras do tetragrama divino.**

O tetragrama divino YHWH é composto de três letras, uma das quais é repetida duas vezes:

- **Yod** é a **mão** (“yad” em hebraico). É a mão de Deus, a mão que semeia, aquela que permite que a vida floresça. Yod é a tradução da vontade de Deus para a realidade física. Ainda é a centelha da vida, ou a semente que permitirá que a árvore desabroche. Na gematria, o valor numérico de Yod é **10**.
- **Hé** está presente duas vezes no Tetragrammaton. Esta letra está ligada à respiração e à respiração: trata-se de deixar entrar em si o princípio divino, o que exige um certo desapego. Letra passiva, Hé está associada à **boca** ou à **janela**. Na gematria, seu valor numérico é **5**.

- **Wav** (ou Vav) evoca um **gancho**, um elemento que une. É um eixo, uma linha que liga dois pontos, como que para combinar duas oposições (por exemplo, o que entra e o que sai de Hé) ou dois mundos (o de cima e o de baixo). Temos aí o sinal de uma sobreposição, de um encontro, de uma harmonia. Na gematria, o valor numérico de Wav é **6**.

Assim, Yod e Wav são ativos e de natureza masculina, enquanto Hé é uma letra bastante passiva e feminina. O tetragrama pode, portanto, ser lido como uma alternância perfeita entre o **masculino** (criador, reconciliador) e o **feminino** (o que é criado, animado, reunido).

Colocado entre dois He, o Wav reconcilia a **dualidade**: é o verdadeiro centro do tetragrama.

#### O simbolismo do tetragrama YHWH.

O tetragrama é frequentemente representado no centro de um **triângulo luminoso** ou delta.

Yod é frequentemente associado ao ápice do triângulo: é a origem do mundo manifestado, a centelha primordial que vem de cima.

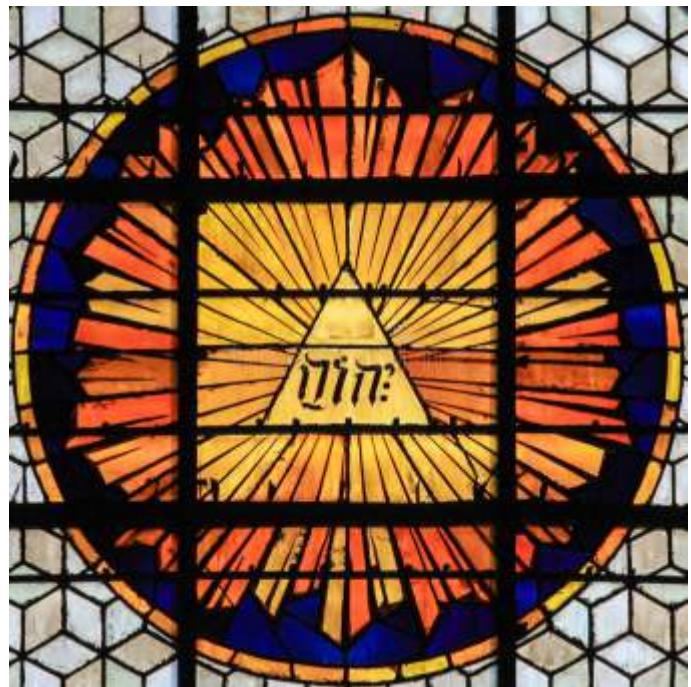
Em muitas tradições religiosas ou esotéricas, o delta luminoso é o símbolo mais perfeito de Deus, ou do Grande Arquiteto do Universo (maçonaria). Um olho às vezes substitui as 4 letras do tetragrama no coração do delta: é o olho da **consciência humana** que se abre e que tem vocação para encontrar a **Consciência superior**.

Como podemos ver, o tetragrama lança luz sobre questões **ontológicas** (nossa capacidade de ser e abrir nossa consciência) e **cosmológicas** (a estrutura do mundo).

#### YHWH e os números.

O tetragrama tem 4 letras, 3 das quais são diferentes. Então temos o encontro de 3 e 4:

- o **número 3** evoca o **triângulo**, a dualidade reconciliada na unidade, o centro: é a expressão mais consumada do divino,
- o **número 4** evoca o **quadrado** e a perfeição do mundo manifestado,



note que  $3 + 4 = 7$ , o número da perfeição.

O tetragrama contido no triângulo pode representar o quaternário em comunhão com o ternário, ou seja, o reflexo perfeito do Criador na criação.

Em termos de **gematria**, a soma das letras de YHWH é **26** ( $10+5+6+5$ ). Mas 26 é um número com características muito especiais, pois está entre **25** (número quadrado, ou seja, que pode ser representado na forma de quadrados aninhados) e **27** (número cúbico:  $3 \times 3 \times 3$ ). É o único número que se encontra entre um número quadrado e um número cúbico.

Como interpretar esta passagem do quadrado ao cubo? Se o **quadrado** traduz a perfeição do mundo exterior, o **cubo** representa o espaço sagrado no qual o Homem e Deus se encontram: é notadamente a forma do Santo dos Santos do Templo de Salomão e da **Jerusalém celeste**. Assim, ir do quadrado ao cubo (do 25 ao 27) é caminhar para Deus, é restabelecer a **aliança**.

#### O tetragrama YHWH e a palavra perdida.

Por sua natureza impronunciável, o tetragrama evoca a **palavra perdida**, ou seja, a verdade oculta, esquecida, que deve ser objeto de uma busca pessoal no mundo e em si mesmo.

O caráter inefável do tetragrama divino expressa a perda de nossa autenticidade primordial devido ao pecado original. O homem, por orgulho e ambição, mordeu do fruto da **árvore do conhecimento do bem e do mal** para "ser como os deuses". Por este gesto, ele entrou no mundo do erro e da ilusão.

É, portanto, renunciando a nós mesmos (nossas certezas, nossos apegos, nossos desejos...) que poderemos encontrar a palavra perdida. A pronúncia do tetragrama YHWH nos parecerá então óbvia...

Fonte: IThink.org



# VÔO ALTO

**Na vida, há certas ocasiões que ficam na memória para sempre. O nome do irmão John Glenn é um daqueles que trazem lembranças de um momento marcante da nossa história.**

**PODCAST** Ouça a matéria clicando [aqui](#)

**M**uitos da geração mais velha de hoje podem se lembrar de assistir televisão, seja em casa ou na frente de uma loja, em estado de fascínio quase total enquanto o homem conquistava uma de suas últimas barreiras – o espaço.

John Glenn era um astronauta da NASA. Ele fez parte do primeiro grupo de astronautas que a NASA escolheu. Ele foi o primeiro americano a orbitar a Terra. Ele também se tornou um senador dos EUA. Mais tarde, ele se tornou a pessoa mais velha a voar no espaço.

Vivendo na geração baby boomer, Glenn sempre parecia estar por perto. Em 1957, ele estabeleceu o recorde de velocidade transcontinental

em um voo de Los Angeles a Nova York, completando a viagem em três horas e 23 minutos.

Em 1959, Glenn assumiu um novo desafio quando foi selecionado para o Programa Espacial dos EUA. Ele e outros seis, incluindo Gus Grissom e Alan Shepard, passaram por um treinamento rigoroso e ficaram conhecidos como "Mercury 7". Na época, os Estados Unidos estavam presos em uma "corrida espacial" acalorada com a União Soviética sobre os avanços na tecnologia e pesquisa espaciais.

Cinco anos depois, em 20 de fevereiro de 1962, Glenn se tornou o primeiro americano a orbitar a Terra. Ele nomeou sua nave espacial Friendship 7 e fez três órbitas ao redor da Terra. Sua missão mostrou que a espaçonave Mercury

funcionava no espaço. A missão também ajudou a NASA a aprender mais sobre estar no espaço.

Foi uma nação ansiosa que assistiu e ouviu naquela manhã de fevereiro, quando Glenn, de 40 anos, subiu na Friendship 7, uma minúscula cápsula Mercury no topo de um foguete Atlas subindo das planícies de concreto do Cabo Canaveral, na Flórida.

A Guerra Fria há muito alimentava temores de destruição nuclear, e os russos pareciam estar vencendo a disputa com sua inquietante ascensão ao espaço sideral. Dois russos, Yuri Gagarin e Gherman Titov, já haviam orbitado a Terra no ano anterior, ofuscando os feitos dos americanos Alan Shepard e Virgil Grissom, que haviam sido lançados apenas para as margens do espaço. O que, as pessoas perguntavam com crescente urgência, havia acontecido com a tecnologia e o espírito de poder dos Estados Unidos?

A resposta veio às 9h47, horário do leste, quando, após semanas de atrasos, o foguete decolou. As três órbitas foram apenas um voo curto, mas quando Glenn estava de volta em segurança, lançando ao mundo um sorriso triunfante, as dúvidas foram substituídas por uma ampla e nova fé de que os Estados Unidos poderiam de fato se defender contra a União Soviética na Guerra Fria e algum dia prevalecer.

O Friendship 7 foi carregado por um veículo de lançamento Atlas LV-3B decolando do Complexo de Lançamento 14 em Cabo Canaveral. Após quatro horas e 56 minutos de voo, a espaçonave reentrou na atmosfera da Terra, caiu no Oceano Atlântico Norte e foi levada com segurança a bordo do USS Noa.

Mas esta jornada histórica não foi sem algumas falhas. Na sala de controle, os funcionários da NASA ficaram preocupados com o fato de o escudo térmico de Glenn não estar firmemente preso à espaçonave. Glenn fez alguns ajustes e conseguiu fazer um pouso seguro.

“Achei a ausência de peso extremamente agradável”, foi seu comentário sobre estar no espaço.

Diz a lenda que o presidente Kennedy ordenou que ele não fosse enviado novamente por medo de perder um tesouro nacional. Depois de se aposentar do programa espacial, ele teve uma



**Foto tirada das janelas traseiras a bordo do Discovery na missão STS-95, o último voo espacial de John Glenn.**

carreira empresarial de sucesso.

John Glenn nasceu em Ohio em 18 de julho de 1921 e morreu em 8 de dezembro de 2016, aos 95 anos. Ele estava na faculdade quando a Segunda Guerra Mundial começou e deixou a escola para lutar na guerra. Ele se tornou um piloto da Marinha e treinou outros pilotos, lutou na Guerra da Coreia e depois da Coreia se tornou um piloto de testes de avião.

Em 1974, Glenn entrou na arena política, representando Ohio por 24 anos no Senado. Perto do fim de seu tempo no governo, ele fez mais um voo espacial quando voou no ônibus espacial Discovery aos 77 anos, na época a pessoa mais velha a fazê-lo. Dois membros da tripulação ainda não tinham nascido quando Glenn fez seu primeiro voo como astronauta.

*John Glenn foi iniciado em agosto de 1978 em Chillicothe, Ohio. Dois anos depois, a Grande Loja de Nova York concedeu-lhe a Distinguished Achievement. Ele recebeu o 33º Grau em 1998 em Cincinnati. Em 1999, o Conselho Supremo votou para dar-lhe a Medalha Gourgas, apenas a 32ª pessoa a ser homenageada.*

**Fonte: Freemason Magazine NSW & ACT**



# PÃO DA VIDA

PODCAST Ouça a matéria clicando aqui

*A terra que gera o trigo, a água que amassa a farinha, o ar que favorece o fermento, o fogo que a cozinha contribuem para o seu nascimento. Terra, Água, Ar, Fogo: os quatro elementos primordiais se encontram no alimento primordial da história humana: o Pão. Um poema, podemos dizer, ao qual o céu e a terra puseram a mão.*

*Cesare Marchi*

Por R. Cristiano

**M**uitas vezes entre os frisos das catedrais você pode ver o moinho e o homem que recolhe a farinha. À primeira vista parece uma cena comum, na realidade, passa um conhecimento alquímico e espiritual. No sentido simbólico, o moinho místico é o instrumento através do qual uma sabedoria do passado se torna sabedoria do presente.

O alimento místico que leva à transmutação do Ser é o "Pão", que é o "Pão da Vida", símbolo da Nova Consciência da qual Jesus, na forma de Grande Iniciado e não apenas como filho de Deus, foi o portador para transmiti-lo "a quem souber acolhê-lo, os chamados Homens de Boa Vontade", capazes de subjuguar seu Ego.

O pão traz consigo memórias, valores simbólicos, tradições que vão além de simplesmente alimentar o corpo; também nutre o espírito. Esta é a sua peculiaridade: ser ao mesmo tempo alimento e signo.

Nas várias tipologias transmite mensagens e significados culturais através das suas formas, que podem ser variadas: geométrica, vegetal, floral, antropomórfica, simbolismo astral, iconografia greco-romana e judaico-cristã.

Na história das culturas e religiões mediterrânicas alude a um alimento privilegiado, mas também à dádiva mais frequente que o homem faz a Deus; desde a antiguidade representa um alimento sagrado introduzido em rituais e liturgias.

Dom Pernety escreve estas palavras sobre fermento

tação:

*O fermento está no trabalho como o fermento está na panificação. O pão não pode ser feito sem fermento, assim como o ouro não pode ser feito sem ouro. O ouro é, portanto, a alma do que determina a forma intrínseca da pedra.*

*Não temos medo de aprender a fazer ouro e prata, como o padeiro que faz o pão, que é apenas uma mistura de água e farinha moldada e fermentada e não difere um do outro exceto pelo cozimento.*

*Da mesma forma, o remédio dourado é apenas uma composição de terra e água, ou seja, de enxofre e mercúrio fermentados com ouro; mas com um ouro renovado. Porque assim como não se pode fazer fermento com pão assado, também não se pode fazer ouro com ouro vulgar, enquanto permanecer ouro vulgar.*

*Mercúrio, ou água mercurial é esta água, enxofre esta farinha que se torna azeda com uma longa fermentação tornando-se levedura, com a qual se faz ouro e prata. Assim como o fermento se multiplica eternamente e sempre serve de matéria-prima para fazer pão, a medicina filosófica também multiplica e serve eternamente de fermento para fazer ouro.*

Podemos apreender seu valor sagrado a partir de uma simples observação: em toda parte sua produção, preparação e consumo são acompanhados por gestos, orações, fórmulas e ritos de propiciação e ação de graças.

Na Maçonaria tem um papel fundamental.

O Neófito, no Gabinete de Reflexão, encontra um pouco de pão e um jarro de água, que remetem ao conceito de Essencialidade, capaz de satisfazer as necessidades da vida material. Na verdade, o Sábio está sempre satisfeito com o necessário, nunca aspira ao supérfluo.

O pão ocupa um lugar de primeira importância no belo rito do agapi, preservado até hoje pela Tradição Iniciática, com valores alquímicos, mágicos, astrológicos, que inicia aos mistérios herméticos celebrados nos dias solsticiais e equinociais, para afirmar e consolidar o funcionamento trabalho interior e benéfico para a humanidade celular e, consequentemente, para toda a humanidade em geral; comemos em companhia, "cum Panis", para transmutar o alimento material em energia espiritual. A Maçonaria preserva e transmite este sagrado ofício de Amor Eucarístico às novas gerações de irmãos!

Os diferentes alimentos consumidos como Refeição Sagrada, em particular o Pão e o Vinho, têm significados simbólicos analógicos com elementos verdadeiros e reais que se encontram no corpo humano.

Para confirmar, vou citar algumas frases do Mestre ditas durante a Última Ceia:



*Eu sou o Pão da vida, o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre. Agora o pão que eu darei é a minha carne. A menos que você coma a carne do Filho do homem e beba seu sangue, você não tem vida em você. Porque minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.*

João, 48 e segs.

Pegue, coma: este é o meu corpo...

Mattia 26,26

Onde claramente o convite referia-se ao "Pão próprio", como princípio criativo, de cor branca, com aroma a pão acabado de cozer! Energia já transmutada e sublimada.

No rito Ágape é usado o cozido sem sal, como o comido pelos judeus que fugiam do Egito, sem sabor e sem fermento. O pão ázimo está ligado à iniciação solar e ao seu mistério de morte e ressurreição.

Quebrá-lo é um dos gestos mais significativos do participante do rito ágape, pois, por analogia, representa fazer-se em dois e oferecer uma parte de si ao irmão. Ele é aspergido com sal, símbolo da Sabedoria, e o iniciado sentado à direita fará o mesmo com seu vizinho e assim por diante, até completar o círculo.

A mesma coisa é feita ao contrário com o vinho, que é despejado no copo do que está sentado à esquerda.

Com esta troca energética inicia-se o rito, no qual todos os participantes são "sacerdotes oficiantes", exatamente como Jesus ensinou aos seus discípulos; Ele, como o mais humilde dos Mestres, considerava todos iguais, iguais; como o rito de ágape era coral, os membros participavam da mesma forma e nesta "comunhão de almas" se revelou a maior energia do Amor, que é a Beleza Ágape - Espírito Santo!



# MUNDO MAÇÔNICO

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

**Por Wayne Devlin**

Para que um lápis seja útil, ele deve passar por afiação regular. Agora, se um lápis tivesse sentimentos, sem dúvida sentiria algum desconforto cada vez que fosse reafiado, mas teria que passar por essa afiação, no entanto, para que fosse útil e de bom uso.

Nós, como maçons, também devemos passar por 'afiação' regular para podermos servir nossas famílias e nossas comunidades.

Às vezes pode ser desconfortável passar por tal 'aguçamento', mas devemos nos esforçar para passar por essas experiências para que também possamos crescer e nos desenvolver em uma versão melhor de nós mesmos.

Há tantas coisas como maçons que podemos aprender para desenvolver. Ler '*O Malhete*' a cada mês, por exemplo, lhe dará todos os tipos de fatos interessantes e conhecimento maçônico que você

pode compartilhar com sua Loja e colegas maçons.

Há tanto ritual para guardar na memória, ferramentas de trabalho para estudar e tabuleiros para interpretar.

Não são tarefas fáceis e demandam um tempo considerável, estudo e contemplação. No entanto, assim como o lápis afiado, o esforço vale a pena para crescer no conhecimento maçônico e, por sua vez, crescer como seres humanos para servir melhor ao mundo ao nosso redor.

Cada membro é um exemplo para o mundo exterior do que é a Maçonaria. Nossas ações e serviços à comunidade falam mais alto do que palavras jamais poderiam.

À medida que crescemos e nos tornamos mais conhecedores de nossa 'arte', precisamos transmitir esse conhecimento a outros membros para que, à medida que crescemos como indivíduos, também cresçamos como unidade. Para fazer isso, precisamos continuar sendo 'afiados'.

Os tempos mudaram e o que antes era classifica-



do como uma sociedade secreta agora é simplesmente uma sociedade com alguns segredos.

O mundo exterior nos vê de maneira muito diferente do que eles fizeram no passado e, mostrando ao mundo nossas boas ações e liderando pelo exemplo, tiramos a ênfase das teorias da conspiração sem sentido e a voltamos para a realidade de que os maçons são indivíduos bons e decentes que se esforçam estar a serviço do mundo.

Uma vez que começamos a 'aguçar' nosso conhecimento da Maçonaria, precisamos garantir que transmitimos esse conhecimento e também manter nossos números crescendo.

Os maçons são mais públicos agora do que nunca, com programas de televisão e livros dando uma visão interna de nossas Lojas e vidas. Mas ainda podemos fazer mais.

Podemos convidar não membros para participar de nossos eventos, podemos deixar as pessoas saberem como é a vida como maçom e podemos educar e depois convidar as pessoas a se juntarem a nós na Loja.

Uma equação simples nos diz que, se dobrarmos nossos números, podemos dobrar a quantidade de bem que podemos fazer.

Todos nós usamos anéis e distintivos maçônicos na Loja, mas quantos de nós os usamos fora da Loja?

Ao simplesmente usar o esquadro e o compasso em nosso boné, camiseta, crachá ou anel, não estamos apenas promovendo o ofício, mas também, e mais importante, estamos convidando as pessoas a nos fazer perguntas que podem levar a consultas de associação.

'O que significa esse símbolo? O que isso representa? Como é ser maçom? Onde posso aprender mais? Como me torno maçom?'

Tudo isso começa com você. Você, como maçom, tem o poder de educar a si mesmo e aos outros no conhecimento maçônico.

Você tem o poder de deixar os não-maçons saberem o que a Maçonaria representa. Você tem o poder de convidar mentes curiosas a vir e aprender mais, dar um passo para dentro e ver o que somos.

Você tem o poder de ser proativo em sua Loja e em sua comunidade. Ao 'afiar' seu lápis filosófico e educar a si mesmo, você está se tornando uma versão melhor de si mesmo e um exemplo brilhante da Maçonaria para o mundo ao seu redor.

Não vamos apenas frequentar a Loja todos os meses e depois ir para casa, vamos, em vez disso, 'afiar' nossos próprios lápis e ajudar a 'afiar' os lápis ao nosso redor e, assim, distribuir a Maçonaria para o mundo onde ela deve ser dada.

Somos apenas humanos e só podemos tentar o nosso melhor, mas devemos tentar. As coisas às vezes funcionam bem e outras vezes nossas palavras caem em ouvidos surdos, mas lembre-se sempre que não somos perfeitos e nem sempre acertamos, mas é por isso que os lápis vêm com borra-



chas! Podemos sempre tentar novamente.

---

\*O Autor Wayne foi iniciado na Maçonaria em 2019. Ele é membro do Flixton Lodge No. 4869, West Lancashire. (UGLE).



# APLM RETOMA OS TRABALHOS PRESENCIAIS

**Sobre o Retorno dos Trabalhos Presenciais:**

**PODCAST** Ouça a matéria clicando [aqui](#)

**E**m Sessão Magna realizada na tarde do dia 21 de maio de 2022, a **Academia Paraibana de Letras Maçônicas** retomou os trabalhos presenciais, após período sabático motivado pela pandemia da covid-19 quando manteve sessões apenas virtuais, para dar posse aos irmãos **PABLO ROAR JUSTINO GUEDES** e **TELDSON DOUETTS SARMENTO**, que passarão a ocupar as Cadeiras de N.º 01 e 10, respectivamente, como Membros Efetivos daquele sodalício.

A sessão, prestigiado por grande número de Acadêmicos e convidados, foi presidida pelo Acadêmico **EDISON ROBERTO CABRAL DA SILVA**, que está à frente da APLM pelo segundo mandato consecutivo, e teve como Mestre de Cerimônias o Acadêmico **CICERO CALDAS NETO** e na Secretaria o Acadêmico **ALVERIANO DE SANTANA DIAS**.

Na mesma sessão, foi prestada homenagem especial ao Irmão Delgidio Gomes da Costa Neto, ex-ocupante da Cadeira N.º 10, com a entrega do Diploma de Fundador, Categoria Ouro, e a Medalha Comemorativa dos 10 Anos da Academia.

A APLM comemora neste ano de 2022 seus 18 anos de existência e já tem programação agendada

para agosto, com uma conferência pública a ser feita pelo Acadêmico Aderaldo Pereira de Oliveira, Presidente de Honra daquela Casa de Letras Maçônicas e Grão-Mestre Emérito do GOBPPB, quando abordará todas as tratativas realizadas que culminaram na fundação do sodalício, em agosto de 2004.

## **Quem são os Novos Membros:**

O acadêmico **Pablo Roar Justino Guedes**, paraibano de Aguiar, possui graduação em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (Campus Sousa); cursa o Mestrado em Ciências Jurídico-Criminais pela Universidade de Coimbra (Portugal); é professor de Direito Penal e Processo Penal; exerce a advocacia e também atua como Assessor Jurídico na Procuradoria Geral do Município de Cajazeiras (PB) e na Caixa Beneficente dos Oficiais e Praças Bombeiros e Policiais Militares da Paraíba. Na Maçonaria, é o atual Venerável Mestre da Loja José Rodovalho de Alencar N.º



2912 (GOB-PB), na cidade de Cajazeiras. É imortal da Academia de Artes, Ciências e Letras da Maçonaria do Estado da Paraíba; Comendador da Ordem do Mérito Pedro Américo (GOB-PB); Membro da Sociedade de Pesquisas Históricas Quatuor Coronati, em Londres (Inglaterra), e da Sociedade de Pesquisas Históricas Scottish Rite Reserach Society, com sede em Washington (USA).

Como escritor, lançou pela Editora Ísis, com sede em São Paulo (SP), o livro de filosofia e religião comparada “Da Fórmula dos Deuses Mortos” (ISBN 9788581890890).

Na APLM será o segundo ocupante da Cadeira N.º 01, que tem como patrono o irmão Leopoldo Pereira Lima, Grão-Mestre Emérito do GOB-PB, já falecido.

O acadêmico **Teldson Douetts Sarmento** é natural de Brasília (DF), mas reside na cidade de João Pessoa (PB) desde 1975. Empresário, advogado, bacharel em Teologia, radialista, genealogista, membro do Colégio Brasileiro de Genealogia (CBG) e da Associação Brasileira de Pesquisadores de

História e Genealogia (ASBRAP), exerceu a presidência do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica por dois mandatos consecutivos, mestre em Teologia e escritor.

Está na Maçonaria desde 1992, Mestre Instalado, Benemérito da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba onde já exerceu a Oratória, a 1ª Vigilância e a

Procuradoria de Justiça na alta administração daquela potência simbólica.

Na APLM passou a ser o segundo ocupante da Cadeira N.º 10, que tem como patrono o escritor Teobaldo Varoli Filho.

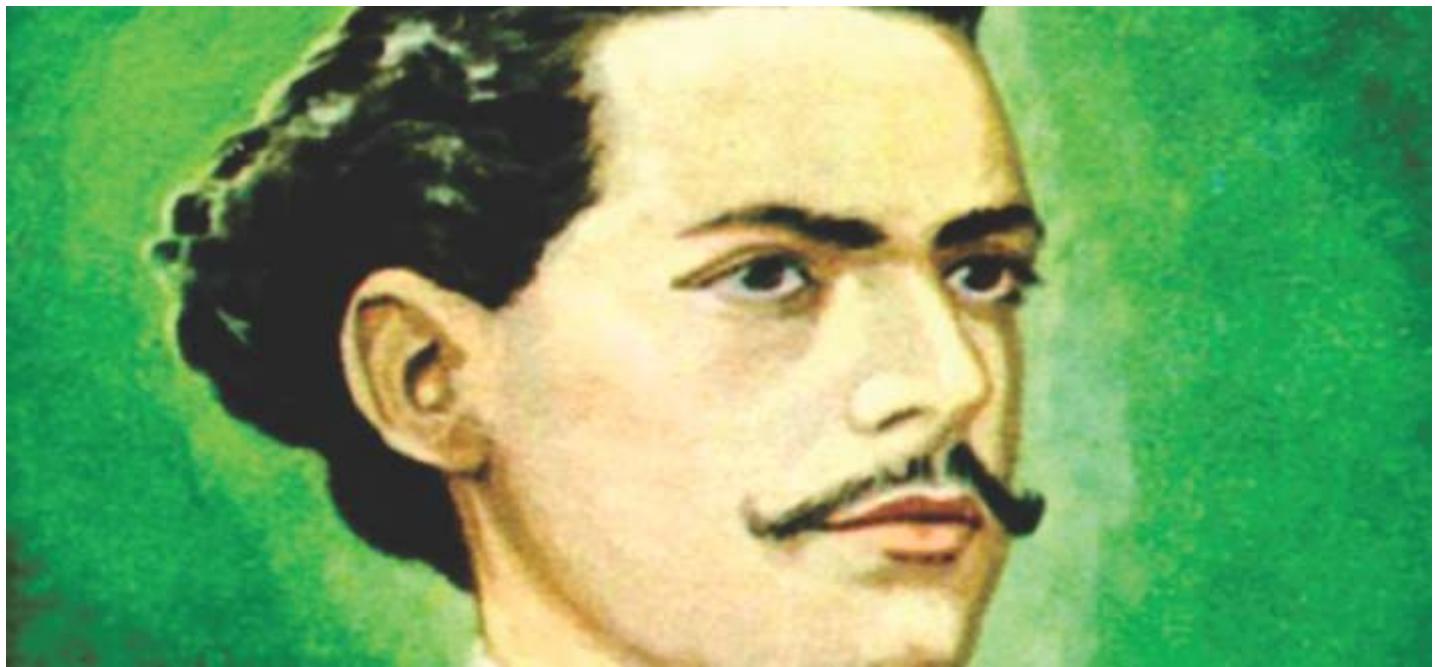
#### **Sobre a Academia:**

Fundada em 20 de agosto de 2004, a Academia Paraibana de Letras Maçônicas tem sede na cidade de João Pessoa (PB), e conta com um quadro social constituído exclusivamente por maçons das 3 (três) potências regulares instaladas no Estado da Paraíba, distribuído em 33 (trinta e três) cadeiras, numeradas e patroneadas por um maçom, preferencialmente paraibano, falecido. Possui também um quadro ilimitado de Membros Correspondentes, a maioria já membros de outras Academias Maçônicas espalhadas pelas várias cidades do Brasil.

Neste ano de 2022, a APLM completa a sua maioria e realizará sessão festiva para comemorar a data e homenagear seus Fundadores com a entrega de um diploma especial, elaborado pelas mãos habilidosas do imortal Joel Guimarães, heraldista de renome internacional e um dos Membros da Academia Catariense Maçônica de Letras, que será impresso em papel canvas e emoldurado.

**Fonte: Acad.'. Cícero Caldas  
Assessoria de Comunicação Social  
Academia Paraibana de Letras Maçônicas  
João Pessoa (PB)**





# UM MACOM CHAMADO CASTRO ALVES

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

**C**astro Alves ou Antônio Frederico de Castro Alves, escritor, poeta e maçom brasileiro. Nascido em Curralinho, Bahia no dia 14 de março de 1847. Faleceu em Salvador, Bahia em 6 de julho de 1871 com 24 anos de idade.

Castro foi o último grande poeta da terceira geração romântica no Brasil e ficou muito conhecido como “O Poeta dos Escravos”. Expôs em seus poemas a indignação pelos graves problemas sociais de seu tempo; denunciou a crueldade da escravidão e clamou pela liberdade, levando ao Romantismo um sentido social e revolucionário que o aproximou do Realismo.

Foi considerado também o poeta do amor por sua escrita amorosa que descrevia a beleza e a sedução do corpo da mulher. Se tornando o patrono da Cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL), por escolha do fundador Valentim Magalhães.

Por volta de 1853, ele e seu pai mudaram-se para Salvador pois sua mãe havia falecido. Lá ele estudou no colégio de Abílio César Borges, futuro barão de Macaúbas, onde conheceu Rui Barbosa, e demonstrou vocação precoce para a poesia.

Em 1862 mudou-se para o Recife, onde concluiu os preparatórios e, após duas reprovações, matriculou-se na Faculdade de Direito. Ambientado na vida literária acadêmica e admirado por seus versos, cuidou mais deles e dos amores que dos estudos. Em 1866, perdeu o pai e, pouco tempo depois, começou a apaixonada ligação amorosa com a moça que numa fase de grande

inspiração e tomou ciência do seu papel de poeta social escrevendo o drama Gonzaga. Em 1868, mudou-se com sua amada Eugênia, onde se matriculou no 3º ano da Faculdade de Direito de São Paulo, na mesma turma de Rui Barbosa.

No fim do ano o seu espírito se abateu pela ruptura com Eugênia Câmara e durante uma caçada, o disparo inesperado de uma espingarda atingiu seu pé esquerdo, que, sob suspeitas de ter gangrena, teve de ser amputado no Rio, em meados de 1869. Foi quando voltou à Bahia, e passou o ano de 70 nas fazendas de seus parentes buscando melhorar sua saúde que estava envolvida por uma tuberculose. No final do ano, mais precisamente em novembro, lançou seu primeiro livro e único que chegou a ser publicado em vida, Espumas flutuantes, e recebido positivamente pelos leitores.

Castro Alves foi, no Brasil, o anunciador da Abolição e da República, com a cabeça totalmente voltada para a causa abolicionista, que lhe rendeu o livro “Cantor dos escravos”. A sua poesia se aproxima da retórica, incorporando a ênfase oratória à sua magia. Dele destaca-se a figura do poeta que aniquila a escravidão e a injustiça. Só Castro Alves estenderia sua poesia sobre a escravidão, tratando-o como herói, e continuar sendo integralmente humano. Em 1953 as provas de sua iniciação maçônica se perderam quando o arquivo da loja Amizade de São Paulo foi furtado e muito possivelmente destruído, levando a considerar que sua passagem pela Maçonaria foi breve.

Fonte: Revista Luzes - GOSP



O bode expiatório, pintura de William Holman Hunt (1854), Galeria de Arte da Cidade, Manchester, Reino Unido

# A SOMBRA DO BODE EXPIATÓRIO

**PODCAST** Ouça a matéria clicando aqui

**Por A.P.**

**A** tendência de procurar culpados por nossos erros é um fenômeno bem conhecido e generalizado em nível social e individual. Chama-se "procurar um bode expiatório".

Ela remonta a um antigo costume do povo judeu que consistia em sacrificar um bode ao vingativo Javé, depois de ter transferido simbolicamente para ele todos os pecados e males da comunidade. A cabra foi levada para o deserto e apedrejada até a morte.

Hoje nos parece algo terrivelmente, bárbaro e arcaico que viraria de cabeça para baixo almas sensíveis, ativistas dos direitos dos animais e ecologistas. No entanto, continuamos a fazer isso com as pessoas em vez da cabra.

O bode expiatório pode ser uma pessoa ou grupo sobre o qual se projeta uma culpa que não pode ser atribuída a ele, para aliviar outra pessoa de suas responsabilidades.

Hoje, vários grupos carregam o estigma do bode expiatório. É o caso das minorias sociais que não se conformam com um único pensamento, sobre o qual uma parte da sociedade descarrega seu desconforto, seus medos, sua sombra.

Muitos líderes políticos, especialmente em tempos de crise, exploram politicamente e sem escrúpulos esse mecanismo para desviar a atenção de suas próprias deficiências, para fugir de sua responsabilidade, culpando os outros. De repente, pessoas que viviam democratica-

mente unem forças contra esse "inimigo designado" que encarna a fonte de todos os seus males, com consequências gravíssimas para toda a sociedade.

Já foram mulheres bruxas, negros, judeus, ciganos, estrangeiros e maçons que foram perseguidos ou investigados.

Não é difícil entender qual minoria é designada na agenda. Basta ler os jornais aliados não na busca da verdade, mas no apedrejamento do "bode" de plantão. O bode expiatório é projetado para encobrir o fracasso e os erros do Rei Nu. Quem não obedece é excluído e punido.

Neste triste jogo social, todos são culpados: quem designou o bode, quem aceitou seu papel, quem participa e apóia o engano: jornalistas, políticos, pessoas que não pensam e a lista é longa. Todos culpados de consentir no apedrejamento do bode expiatório.

Ainda há esperança de mudar esse tipo de manipulação social?

A história ensina que existem mecanismos perver-sos que a sociedade continua a reiterar, completos com comemorações, aniversários, coroas, para apagar o horror.

No entanto, seja força ou fraqueza, sempre há esperança. Aquela que surge diante do forte despertar das multidões em todo o mundo e que permitiria acabar com as narrativas malucas, porém destinadas ao esquecimento.

Fonte: Athanor



## CMI NOS 95 ANOS DA GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DA BAHIA



O Irmão Geraldo Macedo, Secretário-Executivo da CMI, esteve presente nos eventos em comemoração aos 95 anos da Grande Loja Maçônica do Estado da Bahia – GLEB, na cidade de Salvador. Dentre os itens da programação, a sexta-feira, 20/05/22, contou com uma Conferência de Grão-Mestres da CMSB, que reúne as 27 Grandes Lojas regulares brasileiras.

Já na manhã do sábado, 21/05/22, ocorreu uma Investidura ao grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, conduzida pelo Ilustre e Poderoso Irmão Jorge Luiz de Andrade Lins, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do

Brasil, cerimônia essa prestigiada pelo Secretário-Executivo, Geraldo Macedo, e diversas autoridades e Grão-Mestres, além do Irmão Gaetan Mentor, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Haiti.

Na tarde de sábado realizou-se a Assembleia Geral da GLEB, de caráter público e comemorativo de seu aniversário de 95 anos, prestigiada por centenas de irmãos, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, bem como por autoridades civis e militares. E de noite, foi oferecido um jantar dançante, com música ao vivo.

Registra-se ainda a presença nas comemorações, além das Grandes Lojas brasileiras, de comitivas de Grandes Orientes confederados à COMAB e do Grande Oriente do Brasil. E a CMI orgulha-se de ser uma instituição em que todas essas diferentes vertentes maçônicas brasileiras estão reunidas, com dezenas de outras de toda a América, Caribe e Europa, em prol de um objetivo comum.

## CORRIDA MAÇÔNICA - ATLETA SUPERA PARALISIA CEREBRAL PARA SUBIR AO PÓDIO

A manhã de festa da 6ª Corrida Maçônica, na manhã deste domingo (29), em Vitória, foi coroada por um grande exemplo de vida e superação. Não teve um corredor que não batesse palmas para o atleta Matheus Senna, de 20 anos.

Portador de paralisia cerebral, ele saiu de Anchieta para participar de uma prova pela primeira vez e mostrou que não há limites para vencer. Ao lado do seu treinador, Xandi Medeiros, ele alternou tiros, trotes e caminhadas para terminar o percurso de 6km em ritmo de festa. Para melhorar, ele ficou em 3º lugar na categoria “atletas com deficiência”.

### Prova

Centenas de corredores foram para as ruas de Vitória para participar da prova. A largada foi na Grande Loja Maçônica, em Bento Ferreira, e contou com os percursos de 6 e 10km, além da caminhada de 3km.



## GOB-SC RECEBE HOMENAGEM EM ENCONTRO DO GOB EM CUIABÁ



O Grão-Mestre do GOB-SC, Altair Salésio Rodrigues, esteve em Cuiabá, em evento de homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o Marechal Rondon, no Teatro do Cerrado Zulmira Canavarros, prédio anexo à Assembleia Legislativa de Mato Grosso (ALMT), no Centro Político Administrativo.

Parte das comemorações dos 200 anos do GOB, o encontro reuniu dezenas de autoridades, entre elas do Governador do Estado do Mato Grosso Mauro Mendes, Grão Mestre Geral e Adjunto do GOB, Múcio Bonifácio Guimarães e Ademir Cândido da Silva, Presidente da SAFL, Arquiariano Bites Leão e Grão-Mestres Estaduais, além da cunhada Jussane Guimarães, presidente nacional da FRAFEM, entre outras autoridades presentes.

# NASCE MAIS UMA FRAFEM CRUZEIRO DO SUL NO ESPIRITO SANTO



A noite de 27/05/2022, foi um marco na história da ARLS Justiça e Caridade Nº 4300 (GOB-ES), no Oriente de Santa Leopoldina - ES, quando aconteceu a Cerimônia de da Fundação da Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul Justiça e Caridade.

A primeira diretoria eleita da Frafem e formada pelas fraternas:

Presidente: Vera Cristina Woelffel Busato  
Vice-Presidente: Maria Júlia dos Santos  
Diretora Secretária: Edna Maria Foeger

Diretora Tesoureira: Claudineia Maria da Silva

Diretora Social e Cultural: Joana Cristina de Oliveira Rizzi Spinasse

Parabéns pela fundação da Fraternidade Feminina, o sustentáculo maior de uma Loja Maçônica, onde realmente as coisas acontecem.

\*Agradecimento especial ao Irmão Léo Cacholi pela criação do brasão da Frafem Justiça e Caridade

## ARLS ANNITA Nº 0709 COMPLETA 122 ANOS DE FUNDAÇÃO



AARLS Annita nº 709, do Oriente de São José do Calçado - ES, completa 122 anos.

Fundada em 01 de junho de 1900, quando o Município se chamava Vila do Calçado, tendo como primeiro Venerável Mestre Dom Bento Augusto de Andrade.

Esta centenária e importante Loja é a terceira loja Maçônica mais antiga do Estado do Espírito Santo.

Atualmente a loja possui 29 maçons ativos, os quais se reúnem as segundas-feiras.

**Envie notícias de sua loja para esta coluna para o e-mail: [omalhete@gmail.com](mailto:omalhete@gmail.com)**

# Dr. JOBSON BORTOT FILHO

Referência no  
tratamento da  
catarata



Dr. Jobson Bortot Filho  
CRM 9158 - RQE 8649

Clínica de Olhos Bortot

Já conhece nosso  
atendimento pelo  
**whats  
-app?**



Chame pelo número:  
**27 3371-1505**



Clínica de Olhos Bortot